



Universidade de Brasília
Programa de Pós-Graduação em Metafísica
Mestrado Acadêmico

A PARRHESIA DE JULIAN ASSANGE

Brasília/2023
Vanessa Kiewel Cordeiro

A PARRHESIA DE JULIAN ASSANGE

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Metafísica da Universidade de Brasília (UnB) como requisito para a obtenção do título de Mestre em Metafísica na área de concentração Origens do Pensamento Ocidental.

Orientador: Prof. Dr. Aldo Lopes Dinucci

ABSTRACT

ABSTRACT: The present work is divided into three parts. In the first, we analyze the stoic *parrhesia* under the Foucaultian gaze. Our analysis is primarily focused on the works of the last Foucault, produced in the last five years of his life, between 1980 and 1984, to which we bring the contribution of excerpts from the works of the Stoic philosophers Epictetus and Seneca. Preliminarily, we start from the concept of *parrhesia* left by Foucault, which, in addition to being the speech of truth with specific requirements, it is always focused by him as an instrument of care for oneself and others, and from it we extract the three types of *parrhesia* analyzed by Foucault, the political *parrhesia*, the philosophical *parrhesia* and the political-philosophical *parrhesia*, although we disagree with the existence of a purely philosophical *parrhesia*, since it has always been linked to politics, therefore, it is, in fact, political-philosophical *parrhesia*. In the second part, we focus on *parrhesia* as a way to exercise the Stoic community or socio-political action, prioritizing the greater good of the whole, and we bring it to the contemporaneity, finding in the figure of Julian Assange the greatest living representative of the *parrhesia* that, by the very nature of the concept, in realizing the common good for all by denouncing and showing the truth about corrupt actions, war crimes and crimes against humanity of various governments and companies, became the target of powerful persecution, smear campaign and attempt, unfortunately successful, to make him an international pariah. And in the third and final chapter, we evaluate the political-philosophical character of the *parrhesia* in Assange, focusing above all on the dichotomy between total privacy of the individual and total transparency of the state, as advocated by the cypherpunks, a group of ethical hackers who inspired the creation of Wikileaks and granted its philosophy of *parrhesia's praxis* on a global scale opening the way to a new utopia of universal direct democracy in which the voice of all has turn and value, in a cooperation and community action based on the new technologies that now allow a true cosmic and anthropological *koinonia*.

KEYWORDS: *Parrhesia*, Community action, Freedom, Right to know, Utopia of universal direct democracy, Cosmic and anthropological *koinonia*.

RESUMO: O presente trabalho se divide em três partes. Na primeira, analisamos a *parrhesia* estoica sob o olhar foucaultiano. Nossa análise é primordialmente enfocada nas obras do último Foucault, produzidas nos derradeiros cinco últimos anos de sua vida, entre 1980 e 1984, à qual trazemos a contribuição de trechos das obras dos filósofos estoicos Epicteto e Sêneca. Preliminarmente, partimos do conceito de *parrhesia* deixado por Foucault, que, para além de ser a fala da verdade com requisitos específicos, é sempre por ele enfocada como instrumento do cuidado de si e dos outros, e dele extraímos os três tipos de *parrhesia* analisados por Foucault, a *parrhesia* política, a *parrhesia* filosófica e a *parrhesia* político-filosófica, embora discordemos da existência de uma *parrhesia* puramente filosófica, posto que ela sempre se deu e se dá vinculada à política, portanto, é, em verdade, *parrhesia* político filosófica. Na segunda parte, focamos na *parrhesia* como uma forma de exercer a ação comunitária ou sócio-política estoica, priorizando o bem maior do todo, e a trazemos para a contemporaneidade, encontrando na figura de Julian Assange o maior representante vivo da *parrhesia* que, pela natureza mesma do conceito, ao realizar o bem comum para todas e todos ao denunciar e mostrar a verdade sobre ações corruptas, crimes de guerra e crimes contra a humanidade de vários governos e empresas, se tornou o alvo de poderosa perseguição, campanha de difamação e tentativa, infelizmente bem-sucedida, de torná-lo um pária internacional. E no terceiro e derradeiro capítulo, avaliamos o caráter político-filosófico da *parrhesia* em Assange, nos concentrando sobretudo na dicotomia entre total privacidade do indivíduo e total transparência do Estado, tal como preconizado pelos *cypherpunks*, grupo de hackers éticos que inspirou a criação do Wikileaks e lhe concedeu a filosofia da *praxis* da *parrhesia* em uma escala global abrindo o caminho para uma nova utopia de democracia direta universal em que a voz de todos tem vez e valor, numa cooperação e ação comunitária embasada nas novas tecnologias que ora permitem uma verdadeira *koinonia* cósmica e antropológica.

PALAVRAS-CHAVE: *Parrhesia*, Ação comunitária, Liberdade, Direito de saber, Utopia de democracia direta universal, *koinonia* cósmica e antropológica.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho representa para mim um renascimento, um retorno à vida, e, por isso, preciso agradecer a todos e todas que me ajudaram a chegar até aqui.

De início, agradeço aos meus pais, Omar Osorio Cordeiro e Denise Virginia Kiewel, por todo o amor que me deram e o incentivo constante, ainda quando em meio a águas turbulentas. Agradeço, também aos componentes da família Cordeiro e da família Kiewel, bem como aos agregados a elas, em especial à Angelina Sartori e à família Sartori.

Agradeço imensamente ao Dr. Roberto Hirsh, que mudou a minha vida me libertando dos grilhões do passado ao diagnosticar a Síndrome de Ehlers-Danlos hiper móvel que tenho, e, junto com ele, agradeço a toda a família sediana que me acolheu de coração aberto e me segurou nos braços nos momentos de crise, especialmente, mas não apenas, à Priscila Salinas, à Jaqueline Garrido e à Dana Steinberg.

Agradeço a todos os médicos e profissionais de saúde que têm me ajudado a perseverar em meio às dificuldades da minha condição de doente rara, neuroatípica e pessoa com deficiência, assim como a todos e todas que lutam em prol destas causas.

Agradeço à Defensoria Pública do Estado do RS, ao Dr. Evald Elson Grosse Rodrigues e equipe, cujo auxílio foi imprescindível para a obtenção do meu diagnóstico.

Aos meus professores, colegas e amigos, cujas lições de vida foram essenciais à formação de quem sou, especialmente aos da E.L.A.K. e da Unisinos.

Aos integrantes do grupo Viva Vox e do GT Epicteto e Marginália Filosófica por acolherem a diversidade tal qual os estoicos originais e perdoarem meus vários erros, sendo amigos verdadeiros, não importando a distância geográfica.

À UnB e ao Programa de Pós Graduação em Metafísica que me acolheram e compreenderam minhas falhas e faltas. Aos professores e aos colegas com quem tive a honra de estudar.

Agradeço aos componentes da banca, professores doutores Gabriele Cornelli e Marcus Resende, por aceitarem este trabalho ousado e me ensinarem tanto com suas críticas construtivas.

E, agradeço especial e principalmente ao meu orientador e amigo, Aldo Dinucci, que me ajudou a vencer meus medos dando o incentivo necessário para que eu não desistisse e fosse sempre além, com coragem.

SUMÁRIO

Introdução.....	
1. A <i>parrhesia</i> sob o olhar de Foucault	
1.1. O conceito de <i>parrhesia</i> conforme Foucault.....	10
1.2. Os tipos de <i>parrhesia</i>	13
1.3. Da <i>parrhesia</i> política.....	14

1.4. Da <i>parrhesia</i> filosófica.....	15
1.5. Da <i>parrhesia</i> político-filosófica.....	18
1.6.	
Conclusão.....	24
2. Julian Assange: o arauto contemporâneo da <i>parrhesia</i> greco-romana.....	
3. Por que Julian Assange é o maior arauto da <i>parrhesia</i> greco-romana da contemporaneidade?.....	36
3.1. Da ação <i>parrhesiasta</i> de Julian Assange.....	36
3.2. Da filosofia de vida de Assange e da filosofia do Wikileaks.....	37
3.3. Do direito de privacidade e do dever de transparência de acordo com Julian Assange.....	39
3.4. Filosofias e filósofos afeitos à ética de Julian Assange.....	45
Conclusão	
Referências.....	63

INTRODUÇÃO

Nosso trabalho se dividirá em três capítulos, sendo, os dois primeiros, artigos independentes acerca do tema da *parrhesia*, e, o terceiro, uma contextualização dialógica entre os dois primeiros, bem como nossa análise crítica pessoal da temática que os atravessa e interliga. No primeiro capítulo, investigaremos o conceito grego de *parrhēsia* como praticada pelos filósofos cínicos, estoicos e cínico-estoicos na antiguidade clássica sob o olhar contemporâneo de Foucault, no segundo, avaliaremos as ações de Julian Assange como o arauto contemporâneo da *parrhesia* greco-romana, e, no terceiro, teceremos a costura que os une em suas diferenças e semelhanças e explicitaremos o modo como a prática do segundo se encaixa à teoria do primeiro.

Na antiguidade clássica, a *parrhesia* era um conceito muito importante para os gregos, especialmente para o filósofo Sócrates e para as escolas filosóficas derivadas de seus ensinamentos, principalmente o cinismo do final da era grega, no séc. I AEC¹, e o estoicismo do período da República e início do Império Romano, no séc. I EC².

A *parrhesia* grega, conforme Foucault, consistia na coragem de falar a verdade perante os poderosos, os governantes, na defesa de um direito ou princípio importante para toda a sociedade, ainda que isso causasse risco real, inclusive à própria vida, daquele que a exercia. E, frequentemente, esse risco se concretizava, como foi o caso da condenação à morte por suicídio tanto de Sócrates quanto de Sêneca e da condenação ao exílio de Musônio Rufo e Epicteto.

Foi muito usada pelos filósofos estoicos, posto que era parte essencial da ação comunitária ou sócio-política em prol do bem comum e maior que clamavam ser dever de todo ser humano pelo fato de sermos parte de um todo muito maior, de sermos verdadeiros cidadãos do Cosmos e, por isso, devermos ter sempre em mente que o todo é mais importante que a parte, e a cidade mais que o cidadão, guiando nossas ações por esse princípio comunitarista.

Esse conceito caiu no esquecimento após a queda do Império Romano. Porém, sempre houve pessoas de coragem que dedicaram suas vidas a cumprir sua *praxis* em prol do bem maior de sua comunidade e de toda a humanidade, tais como Mandela, Malcom X, Gandhi, Rosa Parks, para citar apenas alguns exemplos contemporâneos.

¹ AEC, antes da era comum.

² EC, era comum.

Julian Assange é, para nós, o maior arauto da *parrhesia* vivo. Foi um jovem de inteligência acima da média e ideais humanitários, jornalista, matemático e programador de computadores autodidata, especializado em criptografia e, sim, *hacker* ético, que sonhou construir um lugar online seguro para o qual qualquer pessoa pudesse enviar documentos sigilosos de governos e empresas que comprovassem a prática de corrupção, crimes de guerra e crimes contra a humanidade, para que esses fossem publicados na íntegra com o devido sigilo e proteção às fontes, por tratar-se de órgão jornalístico. Deu seu nome, seu rosto, sua liberdade, sua saúde e, pode vir a pagar com a própria vida, para denunciar, no lugar dos delatores cujas identidades protegeu, inúmeros crimes contra a humanidade, crimes de guerra e a violação do direito dos cidadãos de saber o que seus governantes fazem em seus nomes sem a sua anuência.

No último capítulo, trazemos à baila os motivos pelos quais consideramos Assange como o maior *parrhesiastes* de nossos tempos, destacando o fato de que ele enfrentou a tudo e todos tornando públicas as delações feitas ao Wikileaks oriundas de incontáveis delatores, tudo isso mantendo o sigilo das fontes. Logo, por encarnar em si próprio as denúncias de tantas e tantos delatores, ele se tornou o maior *parrhesiastes* da contemporaneidade.

Para além disso, enfocamos nas preleções de três filósofos que fundamentam e lastreiam a filosofia do Wikileaks e de Julian Assange, quais sejam: Giorgio Agamben, Slavoj Žižek e Noam Chomski. Seguimos com um trecho memorável de Edward Snowden, ex-agente da NSA – a Agência de Segurança Nacional dos EUA - e delator, no qual ele explica o porquê fez suas delações, sobre o que lhe moveu a isso, num relato emocional e emocionante do profundo amor pela humanidade que fundamentou seus atos.

E, ao final, pugnamos pelo ideal utópico de que, em se seguindo a filosofia de Assange, Snowden e Manning e a colocando em prática, poderemos restabelecer a democracia direta ateniense, por meio das novas tecnologias, em pleno século XXI. E, em nossa utopia, esse governo do povo pelo povo ocorrerá de forma cooperativa e comunitária, tornando-nos sociáveis e cidadãos do Cosmos, exercendo nele o nosso papel individual para o bem de todos.

1. A *PARRHESIA* SOB O OLHAR DE FOUCAULT

Neste capítulo, trataremos a perspectiva de Foucault sobre a *parrhesia* na antiguidade clássica. Para tal, seguindo o espírito foucaultiano, reconstituiremos toda a arqueologia ou

genealogia por ele descortinada sobre o que é a *parrhesia*, quais são os seus tipos possíveis e como ela foi usada no período helenístico e imperial pelos estoicos, pelos cínicos e pelos filósofos que ele chamou de cínico-estoicos.

Todo esse estudo se deu durante os cinco últimos anos de sua vida, entre 1980 e 1984, nas aulas que ministrou no *College de France* e que, posteriormente, se tornaram os livros “Hermenêutica do sujeito” e “A coragem da verdade”, bem como o ensaio “Verdade e subjetividade”, e naquelas que ministrou em *Berkeley*, que nos chegaram como conferências. Este o nosso material de pesquisa, com o acréscimo de citações dos estoicos Epicteto e Sêneca.

É interessante notar que essa análise se deu no final de sua vida, final este de que era consciente, pois tinha Aids, doença que, à época, era uma verdadeira sentença de morte. Como o seu recorte conceitual, nestas aulas, sempre foi o cuidado de si, pensamos que ele possa ter recorrido aos antigos, em especial aos estoicos, para aplicar a si mesmo sua arte de viver, viver a boa vida a cada momento e morrer a boa morte, questões fundamentais e espirituais, como ele mesmo nos diz, da filosofia estoica, bem como, também, aos cínicos e cínico-estoicos em busca da vida da verdade. Trata-se, para além de um estudo filosófico, de um retrato poético de um homem vivendo em plenitude os seus últimos dias.

1.1. O conceito de *parrhesia* conforme Foucault

Sem mais delongas, adentremos à temática que aqui propomos. Afinal, o que é a *parrhesia*?

Para começar, qual é o significado geral da palavra *parrhesia*? Etimologicamente, *parrhesiazesthai* significa dizer tudo – de *pan* (tudo) e *rhema* (o que é dito). Aquele que usa a *parrhesia*, o *parrhesiastes*, é alguém que diz tudo o que tem em mente: ele não esconde nada, mas abre seu coração e sua mente completamente para outras pessoas através de seu discurso. Na *parrhesia*, presume-se que o falante dê um relato completo e exato do que tem em mente, de modo que a audiência seja capaz de compreender exatamente o que aquele que fala pensa. A palavra *parrhesia* então se refere a um tipo de relação entre o falante e o que ele diz. Pois na *parrhesia* o falante torna manifestamente claro e óbvio que o que ele diz é a sua própria opinião. E ele faz isso evitando qualquer tipo de forma retórica que pudesse velar o que ele pensa. Ao invés disso, o *parrhesiastes* usa as palavras e formas de expressão mais diretas que ele puder encontrar. Enquanto a retórica mune o orador com dispositivos técnicos para ajudá-lo a prevalecer sobre as mentes de sua audiência (independentemente da própria opinião do retórico concernente ao que ele diz), na *parrhesia*, o *parrhesiastes* age sobre a mente das outras pessoas mostrando a elas, tão

diretamente quanto possível, o que ele realmente acredita.” (FOUCAULT, 2013a, p. 4)

Parrhesia é, portanto, o falar livre, sem quaisquer limitações, sem recursos de retórica, e, especialmente, é falar a verdade, toda a verdade, independentemente dos riscos que esta fala franca possa trazer (e sempre traz) ao *parrhesiastes*, aquele que pratica a *parrhesia*. Aliás, esta é uma característica inseparável do ato da *parrhesia*, não basta dizer a verdade, é necessário que, por dizê-la, corra-se algum risco, em maior ou menor grau, seja a prisão, a perda ou a restrição dos direitos políticos, até o exílio ou a própria morte. Assim, para os gregos e romanos da antiguidade clássica (entre os séculos V AEC e V EC), a *parrhesia* era um ato de coragem:

Diz-se que alguém usa a *parrhesia* e merece ser considerado como um *parrhesiastes* apenas se há para ele, ou ela, um risco ou um perigo em dizer a verdade. Por exemplo, a partir da perspectiva grega antiga, um professor de gramática pode dizer a verdade para as crianças que ele ensina, e inclusive pode não ter dúvidas de que o que ele ensina é verdadeiro. Mas, apesar dessa coincidência entre crença e verdade, ele não é um *parrhesiastes*. Entretanto, *quando um filósofo se dirige ao soberano, a um tirano, e lhe diz que sua tirania é perturbadora e desagradável porque a tirania é incompatível com a justiça, então o filósofo diz a verdade, crê que está dizendo a verdade e, mais que isso, também se arrisca (já que o tirano pode se enfurecer, pode puni-lo, pode exilá-lo, pode matá-lo).*” (FOUCAULT, 2013a, p. 6)

Outra importante característica da *parrhesia* é o fato de que o *parrhesiastes* não é apenas honesto e diz a sua opinião, mas diz o que é verdade porque sabe que é a verdade. Ou seja, “há sempre uma exata coincidência entre a crença e a verdade” (FOUCAULT, 2013a, p. 5).

Há, ainda, uma disparidade hierárquica entre o *parrhesiastes*, aquele que diz a verdade, e seu interlocutor, o que ouve a verdade. A *parrhesia* vem de baixo e é direcionada para cima. Ou seja, o *parrhesiastes* está numa situação de inferioridade em relação ao seu interlocutor³, é uma relação de poder que é pervertida, invertida, rompida pela fala franca e crítica do *parrhesiastes* ao seu interlocutor, e é exatamente aí que mora o perigo.

Há incontáveis outros casos de veridicção ou fala da verdade, o pai que critica o ato de seu filho, o professor que ensina a verdade e corrige o aluno, o gramático ou qualquer outro técnico que fala a verdade concernente ao seu campo de conhecimento, o profeta que revela a vontade dos deuses, a verdade futura, o sábio que fala a verdade sobre conceitos amplos e gerais, dentre outros. Todavia, pela inexistência do risco e por se tratarem de falas de cima para baixo, não há nelas *parrhesia*. Para haver *parrhesia*, é indispensável a existência do risco

³FOUCAULT, 2013a, p. 8.

e da fala crítica da verdade, e a relação hierárquica entre o *parrhesiastes* inferior e o interlocutor superior numa relação de poder.

E a última importante característica da *parrhesia* é que ela é um dever para o *parrhesiastes*, não uma escolha. Ele pode muito bem não falar, não há nada nem ninguém que o obrigue a isso. *No entanto, ele sente que é seu dever falar a verdade, toda a verdade, não esconder nada, num ato de coragem extrema, sem se importar com as consequências que poderá sofrer por seu ato de bravura*⁴.

E para finalizar esta exposição geral sobre o que é a *parrhesia*, destacamos a fala de Foucault sobre a relação consigo mesmo de que a *parrhesia* está imbuída, como uma demonstração não apenas da fala da verdade, mas da vida da verdade vivida pelo *parrhesiastes*, *in verbis*:

Quando se aceita o jogo *parrhesiástico* no qual a própria vida está exposta, se está começando uma relação específica consigo mesmo: *arrisca-se a morrer ao dizer a verdade ao invés de repousar na segurança de uma vida na qual a verdade permanece não dita*. É claro, a ameaça de morte vem do Outro, e por isso se exige uma relação consigo mesmo: *ele prefere a si mesmo enquanto alguém que diz a verdade ao invés de viver sendo alguém que é falso para consigo mesmo*. (FOUCAULT, 2013a, p. 7) (grifos nossos).

É interessante notar a literalidade da parte inicial da citação supra, “Quando se aceita o jogo *parrhesiástico* no qual a própria vida está exposta”, na vida dos *parrhesiastes* e, em especial, na do nosso objeto de análise, Julian Assange. Quem tem a missão *parrhesiasta* de desvelar uma verdade importante para o bem de todos precisa pagar o preço por isto, ou seja, além do risco envolvido na *parrhesia* em si, precisa, já de início, desnudar toda a sua vida e sua verdade em frente de todos e, por isso, tem a coragem de fazê-lo pois “prefere a si mesmo enquanto alguém que diz a verdade ao invés de viver sendo alguém que é falso consigo mesmo”. No caso de Assange, este alto preço fica claro com a campanha de difamação feita pelos EUA e países aliados para destruir sua reputação e tirar dele qualquer resquício de dignidade humana, usando toda e qualquer informação sobre sua vida de forma distorcida contra ele, como veremos nos capítulos vindouros.

1.2. Os tipos de *parrhesia*

⁴FOUCAULT, 2013a, p. 8-9.

Há dois tipos de *parrhesia* de acordo com Foucault: a *parrhesia* política e a *parrhesia* filosófica. Ambas têm todas as características da *parrhesia*, como já vimos: a fala franca, completa e ilimitada da verdade, o risco, a coragem e a relação consigo mesmo. E elas podem se fundir numa mesma prática, o que constitui o terceiro tipo de *parrhesia*, a *parrhesia* político-filosófica, a qual também pode ser chamada de vida *parresiástica*, a vida da verdade. Contudo, com o fito de auxiliar a compreensão de cada uma delas, passamos à sua descrição separadamente, de início, para podermos mostrar a sua conjugação posteriormente, ao final.

Essas três formas da *parrhesia* são definidas e delimitadas por Foucault da seguinte forma:

I - *Parrhesia* política: “O ato do político corajoso que arrisca sua vida pela verdade contra a opinião do Príncipe ou da Assembléia. É a bravura política da fala da verdade”⁵;

II - *Parrhesia* filosófica: o mais clássico exemplo dela é “a ironia socrática, que envolve a introdução de certa forma da verdade em um conhecimento que os humanos não sabem que sabem, uma forma da verdade que os levará a cuidarem de si mesmos”⁶ e há, no estoicismo, uma *parrhesia* filosófica focada nos exercícios de exame de consciência por eles praticados para atingir o cuidado e o pleno domínio de si mesmos e, ao mesmo tempo, cuidar dos outros, da humanidade como um todo; e,

III - *Parrhesia* político-filosófica ou a vida da verdade: para Foucault, o exemplo máximo desse tipo de *parrhesia* é a vida cínica, que ele chamava de “escândalo cínico”, e envolvia não apenas a fala da verdade, mas a vida dessa verdade em sua própria vida, a prática da filosofia, a qual, no cinismo, implicava em “encarar a raiva das pessoas quando apresentavam a elas a imagem daquilo que elas aceitavam como valores em pensamento, mas não aplicavam na prática. Quando os cínicos praticavam de fato e em praça pública os valores da filosofia, eram rejeitados e desprezados pelas mesmas pessoas que apregoavam ter esses mesmos valores. Esse era o escândalo cínico”⁷. E, embora Foucault não tenha salientado neste trecho, em vários outros que veremos a seguir, ele considerava também como vida da verdade e prática da *parrhesia* político-filosófica aquela vivida pelos filósofos estoicos e cínicos-estoicos.

⁵FOUCAULT, 2011, p. 233-234.

⁶Idem, *ibidem*.

⁷Idem, *ibidem*.

1.3. Da *parrhesia* política

Passamos, portanto, à análise da *parrhesia* política. Ela teve início na democracia direta ateniense, onde todos os cidadãos tinham igualdade de direitos políticos e debatiam os assuntos da *polis* (cidade-Estado) na ágora (espaço público onde se dava a Assembleia dos cidadãos). Tratava-se do direito dos cidadãos atenienses à fala da verdade com o objetivo de denunciar os problemas da cidade e de buscar soluções legislativas em prol de toda a comunidade.

Todavia, de acordo com Foucault, a *parrhesia* política acabou por não perdurar na democracia pois ninguém queria contrariar a vontade da maioria que, se alguém o fizesse, se viraria contra ele ou ela em escárnio generalizado e discriminação social. Em princípio, seria impossível exercer a *parrhesia* numa democracia plena⁸. E a crítica à democracia dizia que o *demos*, o povo, a maioria, era formada pelos piores e mais vulgares cidadãos, portanto, a vontade do *demos* não poderia ser o que é melhor para a cidade, a pólis de Atenas.⁹

Neste ponto, discordamos de Foucault, eis que, conforme ele mesmo nos informa, a *parrhesia* teve origem na democracia direta ateniense, porém, contrariamente ao que ele sustentou, não deixou de existir nem na democracia plena nem com a passagem desta para a democracia representativa nem, em nenhum momento, até nossos dias. Pelo contrário, é na democracia, com a liberdade de expressão garantida a todos, que a *parrhesia* se fortalece e se multiplica *pari passu* com os problemas antidemocráticos que vão surgindo dentro das democracias e passam despercebidos pela maioria. É exatamente aí que surgem os *parrhesiastes* que, com grande coragem e sujeitos aos maiores riscos, enfrentam governos autoritários, despóticos ou corruptos que pregam a democracia e, no entanto, praticam as mais diversas atrocidades contra seus cidadãos. Esses verdadeiros heróis têm seus nomes meritoriamente gravados na história, desde aqueles da antiguidade, como Sócrates e os integrantes da Oposição Estoica¹⁰, até os da contemporaneidade, como Edward Snowden, Chelsea Manning e Julian Assange, este último que consideramos ser o maior *parrhesiastes* da contemporaneidade, o que explanaremos nos próximos capítulos.

Retornando a Foucault, de acordo com ele, o palco primordial da *parrhesia* política tornou-se a corte real, o que a tornou dependente das qualidades pessoais do rei, que pode

⁸FOUCAULT, 2013c, p. 53.

⁹PSEUDO-XENOFONTE *apud* FOUCAULT, Michel, 2013c, p. 50.

¹⁰“Oposição Estoica, um grupo de romanos de ranque senatorial com educação filosófica estoica que sistematicamente se opuseram à tirania de alguns dos imperadores do século I, defendendo a instituição romana da *Libertas*”. (DINUCCI, et. al., 2019).

aceitar ou não a fala franca e crítica de seus conselheiros, geralmente filósofos. *É contra a opinião desse Príncipe ou dessa Assembleia, e é pela verdade, que o homem político, se for corajoso, arrisca a vida* (FOUCAULT, 2012, p. 205). E, a partir daí, a *parrhesia* se torna, cada vez mais, não um direito, como na democracia ateniense, mas uma atividade pessoal, uma escolha de *bios* (modo de vida).¹¹

1.4. Da *parrhesia* filosófica

Já a *parrhesia* filosófica, conforme Foucault, teve seu mais célebre exemplo por meio da ironia socrática e da vida de Sócrates¹² como um todo, tendo sido ele condenado a praticar o suicídio, por ter revelado a verdade a tantos por meio de seu método maiêutico questionador que provocou a fúria de muitos e levou à sua condenação à morte.

Essa segunda forma de *parrhesia* ou coragem da verdade:

[...] consiste em fazer as pessoas dizerem e em fazê-las progressivamente reconhecer que o que elas dizem saber, o que elas pensam saber, na verdade não sabem. Nesse caso, a ironia socrática consiste em se arriscar à cólera, à irritação, à vingança, de parte das pessoas, até mesmo a ser processado por elas, *para conduzi-las, a despeito de si mesmas, a cuidar de si mesmas, de sua alma e da verdade [...] Tratava-se de introduzir dentro de um saber que os homens não sabem que sabem uma forma de verdade que os conduzirá a cuidar de si mesmos.*” (FOUCAULT, 2012, p. 205) (grifo nosso)

É fato que a ironia socrática causou a irritação e, até, a fúria de muitos. Todavia, somente quando combinada com sua atuação política é que levou ao processo que o condenou ao suicídio.

Ainda dentro da *parrhesia* filosófica, temos o exemplo estoico, que era ainda mais prático que o de Sócrates, sendo composto de regras de conduta que, se praticadas com frequência, eram (e ainda são) capazes de transformar a vida do sujeito em uma verdadeira arte de viver, plena, de acordo com a natureza, virtuosa, comunitária e feliz (*eudaimonia*) - contudo, também estes exercícios só podem ser considerados *parrhesiásticos* quando combinados com a ação política estoica -. Eles ensinavam e praticavam uma série de exercícios com vistas ao cuidado e domínio de si. Dentre eles, havia a célebre troca de cartas entre Sêneca e Lucílio. Delas, destaco um belo trecho da carta 75 que, como enfatizou

¹¹FOUCAULT, 2013c, p. 55.

¹²Filósofo ateniense do séc. V AEC, precursor das questões humanas, éticas e morais na filosofia, conforme os relatos de Platão e Xenofonte, e que teve como herdeiras filosóficas as escolas do período helenista e imperial (sécs. IV AEC a II EC), em especial as escolas cínica e estoica, que aqui enfocamos.

Foucault, é a melhor descrição da *parrhesia* filosófica – a nosso ver, não há *parrhesia* nesta carta pois não há risco nem relação hierárquica entre remetente e destinatário, posto que eram amigos, porém trata ela da fala franca da verdade sem artificios retóricos, o que é essencial à *parrhesia* -, a qual, para os estoicos, deve ser sempre praticada com generosidade¹³:

Minhas cartas não estão a teu gosto, trabalhadas como convém, e te queixas. *Na verdade, quem pensa em trabalhar seu estilo, senão os que amam o estilo pretensioso? Minha conversação, se nos encontrássemos face a face, preguiçosamente sentados ou caminhando, seria sem preparativos, de aparência fácil (inlaboratus et facilis). Assim quero que sejam minhas cartas: nada têm de requintado, nada de artificial. Se fosse possível, gostaria de deixar-te ver meus pensamentos mais que traduzi-los pela linguagem [...] Mesmo em uma conferência convencional, eu não bateria o pé, não estenderia o braço para frente, não subiria o tom, deixando isto para os oradores e julgando meu objetivo atingido, se eu tivesse te transmitido meu pensamento sem ornamento estudado nem banalidade. Acima de tudo, eu me aplicaria com ardor a fazer-te compreender que tudo o que eu vier a dizer-te, penso, e não me bastando pensá-lo, amo. Os beijos que damos em nossos filhos não se parecem com aqueles que recebe um amante; e todavia este beijo tão casto, tão contido, deixa transparecer ternura. Seguramente não condeno a um tom de secura e aridez colóquios que incidirão sobre uma tão elevada matéria. A filosofia não repudia as graças do espírito. Quanto a muito laborar com as palavras, é isto que não se deve fazer. Eis o ponto essencial de nossa retórica¹⁴: dizer o que se pensa, pensar o que se diz; fazer com que a linguagem esteja de acordo com a conduta. Cumpriu com seus comprometerimentos aquele que, quer o vejamos, quer o escutemos, permanece o mesmo. Veremos a originalidade desta natureza, o que ela tem de grande. Nossos discursos devem tender não ao agradável, mas ao útil. Se todavia a eloquência vem sem esforço, se se oferece por si mesma ou custa pouco, admitamo-la e que ela se siga a coisas muito belas; que seja feita mais para mostrar as coisas do que para se mostrar. (...) Para que querer agradar e encantar meus ouvidos? Trata-se de outra coisa: é do ferro e do fogo, é da dieta que preciso. É para isto que te fizeram vir. (Sêneca, Carta 75 apud FOUCAULT, 2006, p. 486-487)¹⁵*

Outro ponto importante da *parrhesia* filosófica estoica é que, nela, o tema da filosofia, com seu foco em como acessar a verdade, andava lado a lado com a questão da espiritualidade, segundo a qual, para acessar a verdade, é necessário que o sujeito transforme sua vida como um todo¹⁶, buscando nos exercícios práticos estoicos tal transformação para chegar ao cuidado de si e dos outros, culminando na ação comunitária em prol do bem comum e maior que coincide com o seu próprio bem: eis que somos apenas parte de um todo maior - a natureza, o Cosmos ou Deus - e, por isso, só podemos fazer o bem a nós mesmos quando fazemos o bem para todos ou para o todo. É o que Epicteto esclarece na seguinte diatribe:

¹³FOUCAULT, 2006, p. 465.

¹⁴ É um acréscimo do autor e tradutor, Michel Foucault: *haec si! propositi nostri summa* deve antes ser traduzido por: eis o ponto essencial do que afirmo, do que anuncio, do que quero dizer.

¹⁵Optamos pela tradução de Foucault, posto que é sobre ela que ele faz sua análise. No entanto, para quem tiver interesse em lê-la por completo, bem como todas as Cartas a Lucílio escritas por Sêneca, sugerimos a tradução de VIEIRA, 2021, constante das referências.

¹⁶FOUCAULT, 2006, p. 21-22.

Pois desse modo é a natureza do animal: ele faz todas as coisas em razão de si mesmo. Pois também o sol faz todas as coisas em razão dele mesmo. E, além do mais, o próprio Zeus o faz. Quando ele deseja ser ‘Aquele que traz as chuvas’ e ‘Aquele dá os frutos’, e ‘Pai dos Homens’ e ‘Pai dos Deuses’, vê que não lhe é possível usufruir dessas tarefas e denominações se não forem úteis para o benefício comum de todos. Também Zeus concedeu, em geral, ao animal, quando racional, uma natureza tal que não lhe é possível usufruir nenhum desses bens <que lhe são> peculiares se não lhes for acrescentada alguma utilidade para todos. Assim, não é antissocial (*akoinonetos*) fazer todas as coisas em razão de si mesmo. (Epic., *Diss.* 1.19.11-15 in DINUCCI, 2019, p. 131)

A *parrhesia* filosófica é, por fim, relacionada à vida soberana de si mesma e à vida revelada, aberta aos olhos de tudo e todos. Ela é totalmente aberta e transparente, pois é, também, a vida reta, a vida que nada precisa esconder, na qual não há do que se envergonhar, pois somente se fala e se faz o que é verdade.

Para Sêneca, a verdadeira vida é aquela que se vive como se estivesse sempre sob o olhar de todos, sobretudo, e especialmente, sob o olhar do amigo que, para ele, tem a dupla função de guia exigente e testemunha. Era esse o exercício que ele praticava através da troca de cartas, em que autor e destinatário cumpriam as mesmas funções de confidentes e conselheiros um do outro, num caminho de mão-dupla de aperfeiçoamento contínuo¹⁷.

E, para Epicteto, a vida revelada, não dissimulada, é a vida que ocorre inteiramente sob o olhar da divindade que habita em nós, eis que o *Logos* em nossa alma é um princípio divino (um *daimon*). No Livro I, capítulo 14.12-17 de suas Diatribes, ele nos diz que nunca estamos sozinhos, que o espírito-guardião (o *daimon*) que Zeus deu a cada um de nós está sempre conosco, e que nossa própria alma, que também é divina, é o sopro divino (*pneuma*), também está sempre lá, e ambos veem a todo tempo tudo o que fazemos¹⁸¹⁹. E na Diatribe 2.8.11.1 lemos: “Tu és intérprete, tu és fragmento de Deus. Tu possuis em ti mesmo uma parte dele. Por que, então, ignoras os laços familiares?”²⁰ Portanto, por sermos, ao mesmo tempo, filhos e partes de Deus, não é possível esconder nada da divindade, o que nos leva ao dever de viver a vida da melhor maneira possível, praticando a virtude na tarefa diária e permanente de nos tornarmos pessoas melhores a cada dia – entretanto, apenas praticar a virtude e nos tornarmos melhores a cada dia ainda não é *parrhesia*, eis que lhe falta os elementos do risco e da disparidade hierárquica entre os sujeitos, o que só vai ocorrer quando se somar a esta prática o elemento político.

¹⁷FOUCAULT, 2011, p. 252.

¹⁸ Idem, p. 252-253.

¹⁹Epic. *Diss.* 1.14.12-17, in DINUCCI, 2019, p.112-113

²⁰Epic. *Diss.* 2.8.11.1 in DINUCCI, 2021, p. 224.

Não nos parece que a *parrhesia* filosófica como categoria criada por Foucault possa de fato existir ou ter existido. Isto pois, a *parrhesia* de Sócrates, bem como a dos estoicos, é sim filosófica, entretanto vem sempre eivada de grande carga política e social, ou seja, ela não existe se não for em sociedade e face aos poderosos, aos governantes. No que tange a Sócrates sua *parrhesia* está vinculada à sua visão e vida política que deu azo ao processo que o condenou ao suicídio, sendo, portanto *parrhēsia* político-filosófica. E, no caso dos estoicos, sua *parrhesia* somente se perfectibilizava quando eles atuavam de forma política, dizendo a verdade aos poderosos para o bem de todos e correndo o risco de serem exilados ou condenados à morte, o que de fato ocorreu com a grande maioria dos integrantes da Oposição Estoica infra descrita, restando esvaziada a classificação “*parrhesia* filosófica” conforme a conceituou Foucault.

1.5. Da *parrhesia* político-filosófica

Por sua vez, a *parrhesia* político-filosófica ou a vida da verdade era o que Foucault considerava o ponto máximo da *parrhesia* e foi vivida por Sócrates, pelos estoicos, pelos cínicos e pelos cínico-estoicos.

Os estoicos tiveram forte atuação política, praticando corajosamente a *parrhesia* político-filosófica, especialmente na transição entre a República e o Império Romano, no séc. I EC, na época da escola de Epicteto, que formava os nobres e futuros políticos, quando formaram uma comunidade politicamente engajada, militante e antiaristocrática conhecida como a Oposição Estoica, formada por Musônio Rufo, filósofo estoico, professor de Epicteto e conselheiro do sobrinho de Nero, Rubélio Plauto, e de seu círculo, que foi exilado três vezes; pelo próprio Epicteto, que também foi exilado; pelo filósofo cínico-estoico Demétrio, outro exilado duas vezes; por Trásea Peto, um senador romano que foi condenado à morte por suicídio pelo Senado durante o Império de Nero; por Helvídio Prisco, senador e filósofo estoico, que também foi exilado; dentre vários outros filósofos e cidadãos romanos de ranque senatorial que sistematicamente se opuseram à tirania dos Imperadores Nero, Domiciano e Vespasiano²¹²².

Para exemplificar a atitude estoica perante o poder despótico dessa época, importa citar a história de Helvídio Prisco no Senado romano, contada por Epicteto:

²¹FOUCAULT, 2013d, p. 69.

²²DINUCCI, *et. al.*, 2019.

(19) Também Helvídio Prisco percebeu essas coisas e, após considerá-las, agiu. Quando Vespasiano enviou-lhe um pedido para que não comparecesse ao Senado, Prisco respondeu: “Depende de ti não me permitir ser senador. Mas enquanto eu o for, devo comparecer”. (20) “–Vai – disse Vespasiano – porém, ao comparecer, fica em silêncio.” “– Não me interrogues e ficarei em silêncio.” “– Mas devo interrogar-te.” “– E devo dizer o que se me afigura justo.” “– Se falares, te condenarei à morte.” (21) “– Quando eu te disse que sou imortal? Tu farás o que é teu, e eu farei o que é meu. É teu condenar-me à morte. É meu morrer sem tremer. É teu condenar-me ao exílio. É meu retirar-me sem me afligir.” (Epic. *Diss.* 1.2.19-21 in DINUCCI, 2019, p. 55-56)

O cinismo, de outro lado, nada tinha de comunitário em sua filosofia, não havia escolas, grupos ou, até mesmo, um corpo doutrinário definido. Tratava-se de uma filosofia puramente prática que era caracterizada muito mais pela sua atitude visceral e seu despreendimento material completo do que por qualquer teoria.

O cínico, conforme Foucault, “é o homem com o bastão, a bolsa do mendigo, a capa, o homem de sandálias ou de pés descalços, o homem de barba comprida, o homem sujo. É também o homem que vagueia, que não está integrado na sociedade, não tem casa, nem família, nem pátria [...] e também é um pedinte”²³.

E o mais famoso, lendário e heroico filósofo cínico foi Diógenes de Sínope, mais conhecido como Diógenes, o cão, pois levava uma vida de cão. Mas, afinal, o que era esta vida de cão cínica?

Primeiro, a vida do *kynikos* é a vida de um cachorro, sem modéstia, vergonha e respeito humano. É uma vida que faz em público, diante de todos, o que só os cães e os animais se atrevem a fazer e que os homens costumam esconder. A vida do cínico é a vida de um cachorro porque ele é desavergonhado. Em segundo lugar, a vida cínica é a vida de um cachorro porque, como o último, é indiferente. É indiferente a tudo o que pode ocorrer, não está apegado a nada, está contente com o que tem e não tem necessidades além daquelas que pode satisfazer imediatamente. Terceiro, a vida do cínico é a vida de um cão, recebeu o epíteto *kynikos* porque é, por assim dizer, uma vida que late, uma vida diacrítica (*diakritikos*), ou seja, uma vida que pode lutar, que late para os inimigos, que sabe distinguir o bom do mau, o verdadeiro do falso e os senhores dos inimigos. Nesse sentido, é uma vida *diakritikos*: uma vida de discernimento que sabe provar, testar e distinguir. Finalmente, em quarto lugar, a vida cínica é *phulaktikos*. É a vida de um cão de guarda, uma vida que sabe se dedicar a salvar os outros e proteger a vida do dono. Vida sem vergonha, vida *adiaphoros* (indiferente), vida *diakritikos* (diacrítica, diferenciadora, discriminatória e, por assim dizer, vida que late) e *phulaktikos* (vida de guarda, vida de cão de guarda). (FOUCAULT, 2011, p. 243, tradução nossa)

²³FOUCAULT, 2011, p. 170.

Essa vida é o próprio corpo da verdade que se faz visível e palpável. É a verdade como disciplina, ascese e nudez da vida. É o escândalo cínico da verdade na vida e por toda a vida²⁴.

Para o cinismo, a filosofia é uma preparação para a vida. Há um aforismo atribuído a Diógenes que diz que: “Para se preparar para a vida é necessário o *Logos* ou o *brokhos*. Ou seja: ou a razão (*Logos*) que organiza a vida, ou a corda (*brokhos*) com que alguém se enforca. Ou você se enforcará ou preparará sua vida de acordo com o *Logos*.”²⁵ Uma afirmação forte e muito polêmica, tipicamente cínica.

A vida verdadeira, a vida reta, para os cínicos, é estritamente a vida natural, pelo que eles obedecem única e exclusivamente às leis da natureza, jamais às leis dos homens, suas convenções sociais e seus costumes e tabus²⁶. Por isso, no aspecto político-social, os cínicos seriam os anarquistas da antiguidade - com o perdão pelo anacronismo -, buscando destruir tudo aquilo que é criação humana contrária à natureza.

Em resumo, o cinismo é como uma colcha de retalhos que combina os maiores princípios de toda a filosofia antiga. No entanto, mesmo tratando de temas padrão para a sociedade da época, a maneira como o fizeram os cínicos era escandalosa e ultrajante para os gregos e romanos. Nas palavras de Foucault:

O cinismo é, portanto, esse tipo de careta que a filosofia faz a si mesma, esse espelho quebrado em que a filosofia é imediatamente chamada a se ver e não consegue se reconhecer. Esse é o paradoxo da vida cínica, conforme tentei defini-la; é a realização da verdadeira vida, mas como exigência de uma vida que é radicalmente outra. (FOUCAULT, 2011, p. 270, tradução nossa)

E, nos seus derradeiros dias e na sua derradeira obra, a coletânea de aulas de 1984 que constituiu o livro “A coragem da verdade”, Foucault se encontra consigo mesmo e enfoca bela e profundamente o que ele chamou de cínico-estoicismo - termo que empregaremos a partir daqui, em sua homenagem -, uma mistura dos melhores aspectos destas duas escolas filosóficas combinados que, arriscamos dizer, foram muito caras a ele no final de sua vida.

Tal cínico-estoicismo era caracterizado pela vida de filósofos cínico-estoicos reais, como Demétrio que é citado por Sêneca como o maior filósofo de seu tempo, senão de todos os tempos, e que unia a atitude cínica com a sabedoria e o conhecimento da doutrina estoica, sendo como um cínico moderado ou um estoico radical²⁷. Todavia, o melhor exemplo desse cínico-estoicismo nos é dado pelo elogio ao cinismo feito pelo filósofo estoico Epicteto em

²⁴FOUCAULT, 2011, p. 173.

²⁵ Idem, p. 238.

²⁶ Idem, p. 263.

²⁷FOUCAULT, 2011, p. 193.

sua Diatribe 3.22²⁸, que é embebido pelos princípios estoicos do início ao fim, em sua mais extrema forma, a do ascetismo radical, e de uma militância política tipicamente estoica, no qual Foucault concentra sua análise.

Nele, Epicteto diz que o papel do cínico é o do espião, do batedor, que é enviado na frente do exército para observar o que o inimigo está fazendo. Assim, o cínico, é enviado à frente da humanidade, para determinar o que pode ser favorável ou hostil ao homem nas coisas do mundo. Cumprida esta tarefa, o cínico deve retornar. *Ele voltará para anunciar a verdade sem se deixar paralisar pelo medo*. Este é o exercício da *parrhesia* cínico-estoica²⁹.

Entretanto, esta missão cínico-estoica cobra um alto preço: o do desprendimento completo das coisas do mundo. Ou seja, para bem desempenhar seu papel, o cínico-estoico não pode ter abrigo, casa ou, até mesmo, país. Tampouco pode casar e ter filhos pois sua família é a humanidade como um todo, ficando, dessa forma, livre de tudo que possa distraí-lo e inteiramente disponível ao serviço de Deus. Para ser o anjo, para exercer este ofício angelical, ele realmente deve estar livre de todos os apegos. O modo de vida é, portanto, uma condição de possibilidade do exercício desta *parrhesia* político-filosófica³⁰ - aqui adiantamos que Julian Assange foi imbuído desse papel e abriu mão de tudo, vivendo vida nômade, sendo sempre perseguido por cumprir sua missão, posto que não podia escolher não cumprir este papel. Nunca houve saída e ele nunca a buscou. Sempre soube que essa era sua sina e a cumpriu com muita coragem e amor.

Sob o olhar de Foucault, a vida cínico-estoica, de acordo com Epicteto, não é uma escolha, mas uma missão de vida dada por Deus. Não se pode se autoproclamar cínico. E, caso isto seja feito independentemente dos deuses, aquele que o fizer incorrerá na cólera divina e será coberto de vergonha aos olhos de todos³¹. Escolher entre a vida filosófica e a não-filosófica é uma questão de escolha e liberdade - diga-se, a vida filosófica em adição aos deveres mundanos sociais de pai, filho, comerciante, político, etc; a vida filosófica é um modo de viver a vida comum, ordinária. Por outro lado, afirmar ser um cínico e assumir a tarefa de se dirigir à humanidade a fim de lutar com ela e por ela, e, possivelmente, contra ela pela mudança do mundo, é uma missão dada por Deus, e somente por Deus³². Portanto, a vida cínico-estoica é o auge da vida filosófica, sua absoluta completude, a ser exercida com a

²⁸Optamos pela tradução de Foucault, posto que sua análise está baseada nela. No entanto, para quem tiver interesse em conhecer esta Diatribe completa, assim como todas as outras que nos chegaram, sugerimos a tradução de LONG, 1904, p. 248-260, constante das referências.

²⁹FOUCAULT, 2011, p. 170.

³⁰Idem, p. 170-171.

³¹FOUCAULT, 2011, p. 293.

³²FOUCAULT, 2011, p. 294-295.

máxima responsabilidade a todo o tempo, é a vida extraordinária, a serviço de Deus e magnânima, em prol de tudo e todos. Por isso, *não se trata de uma escolha, mas da mais alta missão divina dada a alguns mortais* – eis a missão de Assange, Snowden e Manning, como veremos na sequência, e a nossa própria missão ao defendê-los, posto que assumimos o papel de *parrhesiastes* junto com eles, isso porque, ao levantarmos as bandeiras que eles levantaram e lutar por eles, também corremos riscos por fazê-lo, em menor grau, é claro.

E como é possível saber que se tem a missão cínico-estoica? Não há qualquer sinal externo dela nem, muito menos, um chamado divino direto como o que foi dado a Sócrates pelo oráculo de Delfos – supomos que talvez haja um chamado interno, uma forte intuição inspirada pelo *daimon*³³ de cada um -. Só há uma forma de descobrir tal missão: é praticando a vida cínico-estoica, vivendo a vida revelada, não dissimulada, sem esconder nada, sendo sozinho e vivendo por si mesmo com o que a natureza lhe oferece a cada instante, de forma independente da sociedade, e distinguindo entre o que é bom e o que é mau e, assim, cuidando de si e dos outros. *Aquele que for capaz de cumprir todos esses requisitos sem sofrer, mas, pelo contrário, obtendo prazer nessa vida de total desprendimento e desapego saberá que passou no teste e que esta é a sua missão divina*³⁴, *a qual deverá bem representar como seu papel no grande teatro da vida. Papel que, frisamos, não se escolhe, nos é dado pela divindade, cabendo-nos, exclusivamente, bem desempenhá-lo durante a vida*³⁵

Epicteto nos diz que a perseverança e a aceitação das humilhações, insultos e golpes pelo cínico não serve tão-somente como um exercício de resistência e preparação para os infortúnios, mas também, e especialmente, *para que ele pratique e fortaleça o seu vínculo de amor filantrópico com toda a humanidade*. E eis aqui mais uma característica tipicamente estoica do retrato do cínico feito por Epicteto e que, por isto, foi chamado de cínico-estoico por Foucault. Ao final deste trecho, Epicteto leva o exemplo ao extremo do *amor fati* (amor ao destino, princípio estoico de amor incondicional à realidade fática, qualquer que seja ela) dizendo que o cínico “deve ser espancado como um asno e, sendo espancado, deve amar aqueles que o batem como se ele fosse o pai e o irmão de todos.”³⁶

No que tange a Assange, ele sofreu intensa campanha de difamação que destruiu sua reputação e o privou de qualquer resquício de dignidade humana, ficou ‘preso’ na Embaixada

³³ “O termo “daímôn”, o gênio pessoal, foi usado por Sócrates quando, ao contrário de seus colegas sofistas, não abriu escola para transmitir seus ensinamentos, assim como não cobrou dinheiro por isso. Ele dizia que apenas falava em nome do seu “daímôn”, do seu gênio pessoal.” vide *DAEMON*. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Daemon&oldid=64426594> . Acesso em: 26 set. 2023.

³⁴FOUCAULT, 2011, p. 298.

³⁵Epic. *Ench.*, cap. XVII, in DINUCCI; JULIEN, 2012, p. 27.

³⁶FOUCAULT, 2011, p. 300.

do Equador por sete longos anos, sendo vigiado e sofrendo tortura psicológica e isolamento social por todo esse tempo, após ter levado vida nômade desde a mais tenra idade por problemas familiares e, posteriormente, pelas revelações que fez por meio do Wikileaks e, em nenhum momento, o vimos reclamando ou defendendo a própria causa. Sofreu tudo de forma filantrópica e sendo incansável na defesa dos direitos de todos, abdicando dos próprios direitos para tanto. Desta forma, consideramos que ele atingiu esse *amor fati* extremo.

*O cínico-estoico fala a verdade para toda a humanidade, atenienses, coríntios e romanos, mas ele não fala sobre impostos, renda ou paz e guerra. O que ele discute com todos é a felicidade e a infelicidade, a boa e a má sorte, a escravidão e a liberdade. Pode ele exercer autoridade maior do que essa? Não é essa a verdadeira atividade política?*³⁷ *O cínico-estoico está associado ao governo do universo. O seu governo não é mais o das cidades e dos Estados, é o do mundo inteiro. Ele é aquele que faz parte do governo de Zeus. Este, então, é o cínico-estoico na noite de sua vida, restaurado, além de sua monarquia oculta, na verdadeira soberania, que é a dos deuses sobre toda a humanidade*³⁸ - e é aí que se fundamenta o caráter sonhador, visionário e idealista utópico dos *parrhesiastes*. Eles vão além, estão sempre um passo à frente da humanidade para guiá-la para o bem maior e comum a todos, que eles anteveem.

Em sua prática da *parrhesia* político-filosófica, o cínico-estoico tem o maior e mais nobre dos papéis, o de ser o vigilante e supervisor de toda a humanidade, cuidando de todos para que eles cuidem de si mesmos. E, mais do que isso, como quando o general se preocupa com seus soldados, ele se preocupa com todo o exército e, portanto, consigo mesmo como parte do exército e com a sua responsabilidade por todo ele, também *o cínico-estoico, ao cuidar de toda a humanidade, cuidará de si mesmo por ser parte dela*³⁹. *O cínico-estoico é parte do todo e, ao cuidar do todo, ao agir em prol do bem comum e maior, age em prol de si mesmo, pois “o cuidado dos outros coincide exatamente com o cuidado de si”*⁴⁰, este é outro tema bem estoico que foi associado ao cinismo por Epicteto⁴¹.

Ocorre que não nos parece que os *parrhesiastes* em geral e o objeto de nosso estudo, Julian Assange, em especial, tenham sequer tido tempo ou vontade de cuidar de si em algum momento da sua vida, mas se doaram inteiramente à causa e ao seu papel no Cosmos. Assim sendo, inverteram a ordem dos círculos concêntricos da *oikeiosis*, a apropriação afetiva, de

³⁷FOUCAULT, 2011, p. 302.

³⁸Idem, p. 302-303.

³⁹Idem, p. 313.

⁴⁰Idem, ibidem.

⁴¹Ver a já citada Diatribe de Epicteto 1.19.11-15 in DINUCCI, 2019, p. 131-132.

Hierocles estoico. Eles abdicaram do cuidado de si (o primeiro círculo) e foram diretamente ao cuidado de toda a humanidade (o último círculo), sendo subversivos até nisso. Todavia, essa inversão ocorre quando se atinge um grau de sabedoria capaz de compreender a *koinonia* (comunidade) cósmica e antropológica na qual vivemos como irmãos e partes orgânicas do Cosmos. E, em amando e cuidando de toda a humanidade, acaba-se por cuidar de si próprio como parte desse todo maior, sendo beneficiado pelo que é bom para todos e, portanto, também para si.⁴²

E, finalmente, qual é o grande objetivo da prática da verdade na vida cínico-estoica? Deixemos que o próprio Foucault nos responda esta última questão, *in verbis*:

Seu objetivo, seu objetivo final, é mostrar que o mundo será capaz de voltar à sua verdade, será capaz de se transfigurar e tornar-se outro para voltar ao que é em sua verdade, apenas ao preço de uma mudança, uma alteração completa, a mudança e alteração completas na relação que alguém tem consigo mesmo. E a fonte da transição para aquele outro mundo prometido pelo cinismo está nesse retorno de si a si, nesse cuidado de si. (FOUCAULT, 2011, p. 315, tradução nossa, grifo nosso)

Destarte, o objetivo final e mais importante da *parrhesia* político-filosófica representada pelo cínico-estoicismo sob o olhar de Foucault é o retorno ao mundo verdadeiro, originário, arcaico, em sua verdade primordial que é revelada no retorno de si a si pelo cuidado de si e dos outros.

1.6. Conclusão

Portanto e por fim, a *parrhesia* sob a análise de Foucault não é apenas a fala da verdade política com seus riscos inerentes, mas é principalmente a terceira categoria da *parrhesia*, a *parrhesia* político-filosófica não apenas falada, ensinada ou descortinada por meio do discurso, mas a vida da verdade em sua mais ampla extensão e magnitude, a que dizia o que praticava e praticava o que dizia, com o fito de mudar o mundo para uma outra vida, não uma nova vida, porém, pelo contrário, pela vida arcaica e primordial, de acordo com a natureza e com as virtudes, e conforme a missão dada pelos deuses a cada um de nós. É nesta vida da verdade e pela verdade, fundada no cuidado de si e dos outros que reside a *eudaimonia* (felicidade). Esta é a arte de viver ensinada e praticada por Sócrates, pelos antigos estoicos, cínicos e cínico-estoicos que Foucault se imbuíu de nos relembrar em seus últimos instantes.

⁴² Tema em desenvolvimento baseado em DINUCCI, Aldo, 2016.

2. JULIAN ASSANGE: O ARAUTO CONTEMPORÂNEO DA *PARRHESIA* GRECO-ROMANA

Se você quer saber a verdade, então ninguém vai lhe contar a verdade, vão contar apenas a versão deles. Então, você quer a verdade? Vai ter que buscar você mesmo. Aí é onde mora o verdadeiro poder da sua vontade de ver além dessa história e de qualquer outra história. E, enquanto você continua buscando, você representa um perigo para eles. É disso que eles têm medo, de você. Tudo tem a ver com você... e um pouquinho comigo também.

Julian Assange

(Comentário final ao filme “O quinto poder”⁴³)

Publique e seja amaldiçoado.

(Scotty Reston *apud* LEIGH, 2011⁴⁴)

Julian Assange é o maior arauto da *parrhesia* vivo. Foi um jovem de inteligência acima da média e ideais humanitários, matemático e programador de computadores autodidata, especializado em criptografia e, sim, *hacker*, que sonhou construir um lugar online seguro para o qual qualquer pessoa pudesse enviar documentos sigilosos de governos e empresas que comprovassem a prática de corrupção e crimes em geral, para que esses fossem publicados na íntegra com o devido sigilo e proteção às fontes, por tratar-se de órgão jornalístico.

No que tange à exposição da verdade, de toda a verdade, sem cortes, não podemos deixar de comparar a ação de Assange com a dos estoicos Musônio Rufo e Epicteto por meio dos seguintes trechos:

Todo lançamento de material que fazemos tem uma segunda mensagem que é: “Nós mostramos exemplos”. Se você se mostrar imoral, com comportamento injusto, nós descobriremos e revelaremos. E você sofrerá as consequências. (Julian Assange)⁴⁵

⁴³ O QUINTO PODER (THE FIFTH ESTATE). Diretor Bill Condon. Estados Unidos: Dreamworks, 2013. Disponível em: https://youtu.be/iZtrX03P_0s . Acesso em 26 set. 2020.

⁴⁴ LEIGH, David; HARDING, Luke. WikiLeaks: a guerra de Julian Assange contra os Segredos de Estado. Campinas (SP): Verus, 2011, Edição Kindle, posição 380.

⁴⁵ WIKIREBELS. Documentário, Wikileaks. Disponível em: <https://youtu.be/W3p62tAq84M> . Acesso em 27 set. 2020

O princípio do não se abster de fazer coisas vergonhosas é o não se abster de dizer coisas vergonhosas. (Musônio Rufo)⁴⁶

Quando discernires que deves fazer alguma coisa, faz. Jamais evites ser visto fazendo-a, mesmo que a maioria suponha algo diferente sobre <a ação>. Pois se não fores agir corretamente, evita a própria ação. Mas se <fores agir> corretamente, por que temer os que te repreenderão incorretamente? (Epicteto)⁴⁷

Ou seja, o erro não está na publicação dos atos governamentais sigilosos, mas no mérito moral dos atos em si. Pessoas públicas têm o dever de dar total transparência aos seus atos. Se não o fazem, é porque têm algo a esconder, porque agiram de forma imoral, injusta ou ilegal, e isso necessariamente deve vir a público. E foi desse papel que Julian Assange se imbuíu, ou que o *Logos* lhe deu na peça teatral que encenamos em nossas vidas, mas na qual não nos cabe escolher nosso papel, apenas bem desempenhá-lo, conforme nos diz Epicteto no capítulo XVII do *Encheiridion*.⁴⁸

De seu sonho nasceu o polêmico site Wikileaks, em 2006, um local revolucionário de liberdade jamais vista que deu à luz centenas de milhares de *leaks* (vazamentos), ajudando diretamente na derrubada de ditaduras africanas e do Oriente Médio, na chamada Primavera Árabe, bem como levando ao colapso todo o sistema bancário da Islândia, à época, eivado de nepotismo, corrupção e outros crimes. A práxis do Wikileaks e de seu fundador Julian Assange é levar ao conhecimento de toda a humanidade crimes praticados às escuras pelos poderosos, seja por governos ou grandes empresas, publicando toda a verdade, sem cortes ou edições, e protegendo as fontes. Ou seja, a perfeita prática da *parrhesia*, falar toda a verdade perante os poderosos, não importando as consequências que poderiam vir a sofrer por isso, levantando a bandeira da liberdade de expressão, da liberdade de imprensa e do direito fundamental de saber a verdade sobre o que os nossos governantes fazem em nossos nomes sem a nossa autorização, sendo estes direitos humanos inalienáveis.

A grande quantidade de furos jornalísticos dados pelo Wikileaks catapultou a figura de seu criador, Julian Assange, como jornalista investigativo de fama global e mudou para sempre o papel da imprensa e o modo de fazer jornalismo. Os documentos “classificados” ou “segredos” chegavam em grande quantidade e velocidade, sendo verificada a sua veracidade pela equipe e protegidas as fontes e, rapidamente, eram publicados os segredos mais obscuros

⁴⁶DINUCCI, Aldo. Fragmentos menores de Caio Musônio Rufo. IN: *Trans/form/ação*, v. 35.3, fragmento 26 (Estobeu 3.6.22), p. 270, 2012. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732012000300015. Acesso em 14 set. 2020.

⁴⁷DINUCCI, Aldo; JULIEN, Alfredo. *O Encheiridion de Epicteto*, edição bilingue. Parágrafo 35, p. 51. São Cristóvão: EdiUFS, 2012.

⁴⁸Epict. *Ench.* XVII: “Lembra que és um ator na peça teatral que o Dramaturgo [27] quiser: se Ele a quiser breve, breve será; se longa, longa será; se Ele desejar que interpretes o papel de mendigo, é para que interpretes esse papel com habilidade. E, da mesma forma, se coxo, se magistrado, se homem comum. Pois isso é teu: interpretar belamente o papel que te é dado. Mas cabe a outro escolhê-lo.” (Trad. DINUCCI).

de vários governos para o mundo inteiro ver, com acesso livre e integral aos documentos originais, bastando, para acessá-los, uma simples conexão com a internet.

Em 2010, a maior de todas as suas “bombas jornalísticas” foi publicada: vídeos mostrando um ataque aéreo feito pelos militares americanos no Iraque, matando, deliberadamente - como quem joga videogame, aos risos dos militares que atiravam -, civis, homens, crianças e, inclusive, dois jornalistas que lá estavam cobrindo a guerra, vídeos estes denominados de *Collateral Murder* (assassinato colateral). Logo após esses vídeos, o Wikileaks também publicou mais de 250 mil documentos e telegramas diplomáticos sigilosos do governo dos EUA com registros das guerras do Afeganistão e do Iraque, reportando a morte de milhares de civis, bem como um manual de instruções para o tratamento cruel a ser dado aos prisioneiros políticos da prisão militar americana de Guantanamo Bay, em Cuba⁴⁹, no que ficou conhecido como caso *Cablegate*, o maior vazamento público de documentos governamentais diplomáticos sigilosos da história⁵⁰.

Tais vazamentos tiveram uma enorme repercussão internacional, por levar à luz do conhecimento público tamanhas e tantas atrocidades governamentais cometidas em nome do povo americano. O que muitos não sabem é que o Wikileaks foi indicado ao Prêmio Nobel da Paz por 6 anos consecutivos, de 2010 a 2015, dentre inúmeros outros prêmios recebidos pela organização e seu fundador pela criação de uma nova mídia, pelo seu jornalismo investigativo e, principalmente, pela defesa dos direitos humanos, por ser ele “uma das contribuições mais importantes para a liberdade de expressão e transparência no século XXI.”⁵¹

Todavia, paradoxal e ironicamente, aqueles que lutam pela verdade e pela liberdade para toda a humanidade, quando conseguem realizá-las, perdem a própria liberdade e seus direitos humanos mais fundamentais, pois o mundo costuma não ser capaz de lidar com a verdade, preferindo permanecer na caverna platônica eternamente, protegido pelo comodismo do *status quo ante*, e os poderosos querem, por óbvio, manter o seu poder a todo custo e, por isso, perseguem violentamente qualquer um que revele a verdade inconveniente⁵² de seus atos corruptos ou criminosos.

⁴⁹ WIKILEAKS. In: Wikipedia. Disponível em: <https://pt.m.wikipedia.org/wiki/WikiLeaks> . Acesso em 25 set. 2020.

⁵⁰ UNITED STATES DIPLOMATIC CABLES LEAK. In: Wikipedia. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/United_States_diplomatic_cables_leak . Acesso em: 30 set. 2020.

⁵¹ Conforme o parlamentar norueguês Snorre Valen, responsável pela indicação do Wikileaks ao Prêmio Nobel da Paz em 2011. Fonte: WIKILEAKS. In: Wikipedia. Disponível em: <https://pt.m.wikipedia.org/wiki/WikiLeaks> . Acesso em 25 set. 2020.

⁵² UMA VERDADE INCONVENIENTE (AN INCONVENIENT TRUTH). Documentário: Al Gore, 2006. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20130731023115/http://vimeo.com/24857305> . Acesso em 30 set. 2020.

E é exatamente essa fúria que Assange vem sofrendo desde 2010, há 13 longos anos, desde a publicação do vídeo Collateral Murder e dos documentos diplomáticos vazados e publicados pelo Wikileaks no caso Cablegate revelando nefastos segredos do governo dos EUA, pelo menos. Se antes já tinha pouca liberdade pela revelação dos segredos de vários outros governos e empresas, levando vida nômade para se resguardar da perseguição que já sofria; dali em diante, jamais teve qualquer liberdade ou dignidade humana, pois passou a sofrer grande perseguição e poderosa campanha de difamação internacional pelo governo dos EUA e seus aliados políticos.

Residente da Suécia, país onde tinha sede o Wikileaks, escolhido por sua legislação amplamente protetiva das liberdades de expressão e de imprensa, viu a campanha difamatória americana transformar-se num processo de supostos dois assédios sexuais e estupros contra ele baseado em fatos que, pretensamente, lá teriam ocorrido e, portanto, sob a jurisdição sueca, tendo esta emitido à Interpol⁵³ um mandado de prisão internacional, válido em 188 países, no final de 2010.

Tratava-se de *acusação falsa* derivada de um acordo obscuro entre o governo sueco e o americano. Além de difamá-lo ainda mais, este processo infundado permaneceu em juízo por 9 longos anos, sendo arquivado por falta de provas apenas em 2019⁵⁴, com o grande risco subjacente de, sendo ele preso pelo governo sueco, ser extraditado para os Estados Unidos da América para ser julgado pelo “crime” de revelar a verdade sobre os atos cruéis e desumanos praticados pelo governo de tal país⁵⁵.

Dessa forma, foi tornado um pária internacional e considerado *hacker, cyberterrorista* e abusador sexual pelos incautos que acreditaram na fortíssima campanha difamatória americana contra ele. Sua imagem pública foi manchada em definitivo, o que levou ao esquecimento de seu caso pela falta de cobertura da imprensa.

Fugiu para Londres e chegou a se entregar à polícia do Reino Unido em dezembro de 2010, sendo libertado após 10 dias de detenção com o pagamento de fiança. Todavia, seu processo de extradição para os EUA continuou, e não lhe restou alternativa senão buscar asilo político, que obteve em agosto de 2012, passando a residir na Embaixada do Equador em Londres onde, por se tratar de território equatoriano, estava protegido da polícia e da jurisdição inglesa. Seu refúgio se tornou sua prisão, pois dele não podia sair sob nenhuma circunstância, sob pena de ser imediatamente preso e extraditado para os Estados Unidos.

⁵³ A Interpol é uma força policial internacional.

⁵⁴ JULIAN ASSANGE. In: Wikipedia. Disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Julian_Assange . Acesso em 25 set. 2020.

⁵⁵ MELZER, 2022, Part. II, cap. 6, p. 2.

Lá permaneceu até abril de 2019, quando o Equador retirou, ilegalmente, o direito de asilo político de Assange, em ação orquestrada com o governo britânico, permitiu que ele fosse preso dentro da própria Embaixada, violando o artigo 22 e seus incisos da Convenção de Viena sobre Relações Diplomáticas de 1961, instrumento multilateral de direito internacional público ratificado por 48 países, que estabelece que os locais - Embaixadas, Consulados e outros - das Missões Diplomáticas são território do Estado acreditante – estrangeiro – sendo invioláveis e devendo o Estado acreditado – local – adotar todas as medidas de proteção contra qualquer intrusão ou dano a tais locais⁵⁶. A partir de então, e até hoje 01.10.2023, está preso em cela solitária na prisão inglesa de segurança máxima de Belmarsh.

E, para além da ilegal retirada do seu direito de asilo político, também foi suspensa a sua cidadania equatoriana, ambas uma hora antes de sua expulsão da Embaixada e prisão dentro dela, por pretensas “irregularidades” em seus documentos e sem o direito a qualquer tipo de devido processo legal⁵⁷.

No mesmo dia, *coincidentemente*, o Departamento de Justiça americano formalizou denúncia contra Assange sob a acusação de conspiração para *hackear* a rede do Departamento de Defesa para obter os documentos que, posteriormente, foram publicados pelo Wikileaks e levaram a conhecimento público os inúmeros crimes de guerra e crimes contra a humanidade cometidos pelo governo dos EUA por meio de suas forças militares.

Mais adiante, sua denúncia foi completamente alterada no decorrer do processo, ato ilegal perante qualquer ordenamento jurídico, posto que a acusação deve sempre preceder a defesa, jamais o contrário, vez que, sabedora dos elementos integrais de sua defesa, a acusação posterior fere seus direitos humanos fundamentais ao devido processo legal e à ampla defesa.

Aqui vale citar o que nos relata o Dr. Nils Melzer, Relator especial da ONU sobre tortura:

O cinismo da racionalização americana é contundente. De um lado, o governo dos EUA justifica a ilimitada e sem fim difamação, humilhação e intimidação contra Assange como se baseada fosse na liberdade de expressão. Porém, quando Assange revela evidências de crimes de guerra, tortura e corrupção, aí a liberdade de expressão simplesmente deixa de ser

⁵⁶ BRASIL. Decreto 56435 de 1965 que promulgou a Convenção de Viena das Relações Diplomáticas de 1961. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/Antigos/D56435.htm . Acesso em 01 out. 2023.

⁵⁷ MELZER, 2022, Part. I, cap. 3, p. 7-8.

aplicável ao seu caso, e ele é ameaçado com uma pena de prisão de 175 anos. (MELZER, 2022, Parte III, cap. 10, p. 6)

Desde o dia 07 de setembro até o dia 01º de outubro de 2020, o processo de extradição de Julian Assange para os EUA foi julgado num tribunal de Londres, em um julgamento secreto e kafkiano⁵⁸, cuja sentença foi prolatada e publicada em 04 de janeiro de 2021, tendo sido decidido que seria injusto extraditar Assange para os EUA - não no mérito porém, apenas relativamente às árduas condições que lá enfrentaria e poriam em risco sua vida e saúde - e ordenada sua soltura imediata da prisão⁵⁹. Todavia, ele permanece preso até hoje, 06.10.2023, na prisão de segurança máxima de Belmarsh.

Os EUA apelaram da sentença. Em 10 de dezembro de 2021, a Suprema Corte Inglesa deu provimento à apelação dos EUA devolvendo o processo ao 1º grau de jurisdição para que este ordenasse a extradição de Assange e enviasse o caso para o Secretário do Estado aprovar a extradição⁶⁰.

Em 24 de janeiro de 2022, a Corte Superior do Reino Unido concedeu à Assange o direito de apelar à Suprema Corte. Contudo, única e exclusivamente sobre a questão de direito de em que momento, na audiência do processo de extradição, garantias podem ou devem ser introduzidas⁶¹.

Quando da audiência de Apelação dos EUA, em 27 e 28 de outubro de 2021, Assange sofreu um AIT - Ataque Isquêmico Transitório - ou seja, um tipo de AVC - Acidente Vascular Cerebral.

Em 10 de dezembro de 2021, a Suprema Corte do Reino Unido rejeitou os argumentos do governo dos Estados Unidos de que a juíza distrital errou em suas conclusões.

No dia 14 de março de 2022, a Suprema Corte recusa a permissão de Julian Assange para apelar da decisão da Corte Superior. O caso é enviado de volta ao Tribunal de Magistrados, o primeiro grau de jurisdição, com instruções para a emissão da ordem de extradição.

Em 20 de abril de 2022, o magistrado emite a ordem de extradição, que é enviada ao Ministro do Interior Priti Patel para aprovação.

⁵⁸Referência ao livro "O processo" de Franz Kafka, em que o personagem principal é processado sem saber por que, sem acesso à acusação, sem direito à defesa ou, sequer, a um advogado (a) e acaba por ser condenado desta forma absurda e antijurídica.

⁵⁹<https://dontextraditeassange.com/hearing-coverage/julian-assange-extradition-hearing-district-court-ruling/>

⁶⁰<https://dontextraditeassange.com/hearing-coverage/high-court-grants-u-s-appeal/>

⁶¹<https://dontextraditeassange.com/post/assange-extradition-argument-certified-for-uk-supreme-court-appeal/>

Na sequência, em 17 de junho de 2022, o Ministro do Interior, Priti Patel, aprova a ordem de extradição de Julian Assange para os Estados Unidos.

Em 26 de agosto de 2022, Julian Assange apresentou seus Fundamentos de Apelação Aperfeiçoados perante o Tribunal Administrativo do Tribunal Superior de Justiça. Os Requeridos são o Governo dos Estados Unidos e o Secretário de Estado do Departamento do Interior, Priti Patel.

Os Fundamentos de Apelação Aperfeiçoados relativos ao Governo dos Estados Unidos incluem os seguintes pontos:

- Julian Assange está sendo processado e punido por suas opiniões políticas (s.81(a) da Lei de Extradição);
- Julian Assange está sendo processado por discurso protegido (Artigo 10 da mesma lei);
- O pedido em si viola o Tratado de Extradição EUA-Reino Unido e a lei internacional porque não há extradição para crimes políticos;
- O governo dos EUA deturpou os fatos centrais do caso para os tribunais britânicos; e,
- O pedido de extradição e as circunstâncias que o envolvem constituem um abuso processual.

Os Fundamentos Aperfeiçoados de Apelação apresentados perante o Secretário de Estado do Departamento do Interior incluem argumentos de que o próprio Secretário do Interior Priti Patel errou em sua decisão de aprovar a ordem de extradição por motivos de especialidade e porque o próprio pedido viola o Artigo 4º do Tratado de extradição EUA-Reino Unido, conforme Stella Assange⁶² declarou:

Desde a última decisão, surgiram evidências contundentes provando que o processo dos Estados Unidos contra meu marido é um abuso criminoso. Os juizes da Suprema Corte decidirão agora se Julian terá a oportunidade de apresentar o caso contra os Estados Unidos perante o tribunal aberto, e na íntegra, na apelação.

Desde 26 de agosto de 2022, não sobrevieram novos fatos judiciais ao processo de Julian Assange.

⁶² Advogada e esposa de Julian Assange, cujo casamento ocorreu dentro da prisão de segurança máxima de Belmarsh em 23 de março de 2022.

Esse processo, juridicamente, está eivado de ilegalidades frente ao direito internacional público, aos direitos humanos e ao direito constitucional e infraconstitucional norte-americano e inglês.

Tais ilegalidades foram muito bem elencadas em uma grande carta escrita pela organização *Lawyers for Assange* (advogados por Assange), e esta foi subscrita por mais de 160 autoridades internacionais, como presidentes, primeiros-ministros, diplomatas, entre outros⁶³, sendo dirigida ao primeiro-ministro inglês e demais autoridades responsáveis pelo caso, requerendo a retirada de todas as acusações e do processo de extradição contra Assange.

Listamos aqui, apenas, as mais graves e evidentes delas, *in verbis*:

- Julgamento perante o “Tribunal de Espionagem da Virgínia”, com base no “Espionage Act”, legislação esta somente aplicável a servidores militares e agentes americanos da CIA, FBI e NSA. Não é possível aplicá-la a qualquer pessoa fora dessas hipóteses, muito menos a um estrangeiro — Assange é australiano —, menos ainda tendo sido cometidos tais “crimes” em território estrangeiro — o Wikileaks era sediado na Suécia quando do vazamento de 2010, objeto das acusações contra Assange— e, jamais, contra um jornalista no estrito cumprimento do seu dever profissional - recebera os documentos, protegera suas fontes e os publicara, nada mais.
- Tratar-se-á de julgamento secreto nos EUA, com júri formado por integrantes do Departamento de Defesa, da CIA, FBI, NSA e/ou Departamento de Segurança Interna, o que fere o devido processo legal, que é um conjunto de princípios do Direito Internacional Público e dos Direitos Humanos⁶⁴.
- Violação da privacidade do réu, do sigilo cliente-advogado e, com isso, negação ao seu direito à ampla defesa⁶⁵, pelo fato de todas as suas comunicações dentro da Embaixada do Equador em Londres terem sido secretamente gravadas em áudio e vídeo pela CIA, bem como por todos os seus pertences, inclusive e principalmente, documentos legais, anotações, computadores, *notebooks*, celulares,

⁶³ Leia a carta na íntegra no site <https://www.lawyersforassange.org/pt/open-letter.html> .

⁶⁴ Artigo 14 do "International Covenant on Civil and Political Rights" da ONU. Disponível em: <https://www.ohchr.org/en/professionalinterest/pages/ccpr.aspx> . Acesso em 26 set. 2020.

⁶⁵ Idem supra e artigo 8º da Convenção Europeia de Direitos Humanos (CEDH).

pendrives e afins terem sido apreendidos, certamente invadidos e jamais devolvidos pela polícia inglesa quando de sua prisão.

- Plano real da CIA de sequestrar Assange da Embaixada do Equador e matá-lo.⁶⁶

- Alteração da denúncia feita pelos EUA em maio de 2019 em meio ao processo e sem aviso prévio, impossibilitando, novamente, a ampla defesa do réu e seu direito ao devido processo legal. De 1 (uma) acusação de conspiração advieram 18 (dezoito) novas acusações contra Assange, todas especificamente relacionadas aos vazamentos de 2010, sendo ele acusado de divulgar segredos de Estado e, assim, prejudicar a segurança nacional americana, crimes puramente políticos, com o conseqüente aumento da pena prevista para o caso de condenação para, pelo menos, 175 anos de prisão em regime fechado, ou seja, prisão perpétua, pena capital.

- Violação da impossibilidade de extradição de qualquer pessoa por crimes políticos, de acordo com o Direito Internacional dos Tratados e o artigo 4º do Tratado de extradição entre o Reino Unido e os Estados Unidos, especificamente.

- Risco real de ser submetido à tortura e a tratamento cruel ou desumano em caso de extradição para os EUA, comprovado pelo relator da ONU sobre tortura e já admitido pelo próprio governo americano, o que contraria o princípio de não-repulsão⁶⁷ consagrado em todo o Direito Internacional Público e, especialmente, no Direito dos Exilados.

- Violação direta da liberdade de imprensa, da liberdade de expressão e do direito do povo de saber a verdade sobre os atos praticados por seu governo sem sua anuência, Direitos Humanos fundamentais e integrantes da 1ª Emenda da Constituição dos Estados

⁶⁶ US: CIA REPORTEDLY PLOTTED TO KIDNAP AND ASSASSINATE JULIAN ASSANGE – International Federation of Journalists. Disponível em: <https://www.ifj.org/media-centre/news/detail/category/press-freedom/article/us-cia-reportedly-plotted-to-kidnap-and-assassinate-julian-assange> . Acesso em 26 set. 2023.

⁶⁷Direito a requerer asilo e proteção em outros países e a não ser repellido por eles em caso de perseguição política. Ver Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU, Art. 14, n. 1.

Unidos da América.⁶⁸

- “O Relator das Nações Unidas sobre Tortura, Dr. Nils Melzer, concluiu que “O Sr. Assange foi deliberadamente exposto, durante um período de vários anos, a formas persistentes e progressivamente graves de tratamento ou punição cruel, desumano ou degradante, cujos efeitos cumulativos só podem ser descritos como tortura psicológica”⁶⁹.

No que tange à tortura de Assange, citamos:

É minha opinião profissional que o sinérgico e cumulativo efeito da dor e do sofrimento impostos ao Sr. Assange – tanto físico quanto psicológico – é uma violação à Convenção contra a tortura de 1984 da ONU, em seus artigos 1 e 16. Eu acredito que as sequelas psicológicas, físicas e sociais serão de longa duração e severas. (palavras do relatório da médica especialista em examinar refugiados e vítimas de tortura, Dra. Sondra Crosby, após ter examinado Julian Assange na Embaixada do Equador em fevereiro de 2019) (CROSBY apud MELZER, 2022, Part. 1, cap. 3, p. 2)

- Violação de seus Direitos Humanos à saúde e à vida, restando sua saúde física fragilizada, com doença pulmonar não tratada, e seu estado psíquico extremamente abalado pela perseguição, tortura psicológica e isolamento por cerca de uma década, sendo ele portador de Síndrome de Asperger⁷⁰, um tipo de autismo altamente funcional que, no entanto, aumenta consideravelmente o seu risco de suicídio, já estando comprovado seu estado depressivo, o que também segue sem tratamento por impedimento das autoridades equatorianas, anteriormente, e inglesas, desde sua prisão⁷¹.

- Negação do direito do réu de se comunicar com seus advogados

⁶⁸Adotada em 15 de dezembro de 1791, impede que o Congresso norte-americano de infringir seis direitos fundamentais: (1) Estabelecer uma religião oficial ou dar preferência a uma dada, (2) Proibir o livre exercício da religião, (3) Limitar a liberdade de expressão, (4) Limitar a liberdade de imprensa, (5) Limitar o direito de livre associação pacífica, (6) Limitar o direito de fazer petições ao governo com o intuito de reparar agravos.

⁶⁹ Vide item "C" da carta aberta da Organização Lawyers for Assange. Disponível em: <https://www.lawyersforassange.org/pt/open-letter.html> . Acesso em: 25 set. 2020.

⁷⁰Atualmente, TEA - Transtorno do Espectro Autista em grau leve.

⁷¹ Conforme testemunhos médicos de um neuropsiquiatra e um psiquiatra que o avaliaram como peritos de sua defesa e, também, surpreendentemente, corroborados pelo especialista em suicídios em prisões chamado pela acusação. Fonte: <https://www.assangedefense.org> . Acesso em 20 set. 2020.

desde março de 2020, inclusive durante o julgamento, em que foi mantido trancado numa cabine de vidro à prova de balas que fica atrás da tribuna em que estão seus advogados, tendo estes que ficar de costas para ele, não podendo se comunicar com ele, sequer, por sinais.

- Julgamento “secreto”, com impossibilidade de acompanhamento pelo público e, principalmente, pela imprensa, que só pôde entrar em número restrito e não pôde gravar as audiências por nenhum meio.

Esperamos que, neste caso, a justiça seja feita e que Julian Assange não tenha que pagar com a própria vida por ter nos dado o direito de saber dos crimes que os governos cometem em nossos nomes sem que saibamos ou tenhamos dado autorização para isso.

Como nos disse o próprio Assange: “O público tem o direito de conhecer os materiais e os registros históricos. Tem o direito de ter materiais de importância diplomática, política, étnica ou histórica. Se alguma coisa está interferindo nesse processo, vamos desfazê-la”⁷².

3. POR QUE JULIAN ASSANGE É O MAIOR ARAUTO DA *PARRHESIA* GRECO-ROMANA DA CONTEMPORANEIDADE?

3.1. Da ação *parrhesiasta* de Julian Assange

Assange criou o primeiro local virtual do mundo, munido da máxima segurança tecnológica e criptográfica, para o qual delatores de qualquer lugar do planeta podiam enviar documentos vazados — os *leaks* — de governos e empresas que comprovassem o cometimento de crimes de corrupção, crimes de guerra, crimes contra a humanidade e injustiças em geral com a garantia de que os documentos seriam publicados na íntegra e sem alterações e de que as identidades dos delatores permaneceriam preservadas, posto que se tratava de órgão jornalístico com o direito-dever de sigilo das fontes, o polêmico site Wikileaks.

Acerca da tecnologia por ele desenvolvida para o Wikileaks, diz Assange

⁷²WIKIREBELS. Documentário, Wikileaks. Disponível em: <https://youtu.be/W3p62tAq84M> . Acesso em 27 set. 2020.

[...] a ideia era manter um canal totalmente seguro para o envio de documentos, com uma criptografia poderosa, que fosse não apenas inviolável a ataques, mas que erradicasse qualquer informação sobre a sua origem. A tecnologia, acreditava Assange, seria libertadora: permitiria que *whistleblowers* – fontes internas de organizações – denunciasses violações por parte de governos e empresas sem medo. (ASSANGE, 2016, p. 11)

Tamanho era o anonimato das fontes dado pelo sistema do Wikileaks que nem sequer o próprio Assange conhecia as identidades dos delatores⁷³, o que garantia que, nem mesmo se torturados, ele ou qualquer dos colaboradores do Wikileaks violaria o sigilo das fontes e informaria os nomes dos delatores.

Nesse ponto, importa esclarecer que *Chelsea Manning*⁷⁴ não foi conectada ao vazamento por alguma quebra na segurança criptográfica do código do Wikileaks, mas por supostamente ter confessado em um chat ser a fonte dos documentos⁷⁵.

Para proteger ainda mais suas identidades, Assange, um idealista e ativista político desde tenra idade, personificou na sua imagem as imagens de todos os incontáveis⁷⁶ delatores do Wikileaks. Para salvá-los, deu ‘a cara para bater’, deu sua liberdade, sua saúde e sua vida em prol da causa político-humanitária de acabar com a injustiça no mundo.

Desta feita, por representar centenas ou milhares de delatores, é que consideramos Assange o maior *parrhesiastes* da atualidade. Afinal, ele encarna o conceito geral de *parrhesia* que expusemos no primeiro capítulo: ele fala a verdade, toda a verdade, aos poderosos sobre questões importantes para toda a sociedade, defendendo-as independentemente dos riscos que essa ação sócio-política possa lhe trazer - e trouxe, de fato, para ele, inúmeros riscos à sua liberdade, à sua saúde e à sua vida.

E, mais do que isso, consideramos que as ações de Assange e sua própria vida se encaixam no tipo mais alto de *parrhesia* que, conforme Foucault, é a *parrhesia* político-filosófica, aquela que exige que o parrhesiastes não apenas pratique a *parrhesia*, mas viva uma vida *parrhesiasta*, a vida da verdade, a prática diária da filosofia.

Na antiguidade, de acordo com Foucault, os principais praticantes da *parrhesia* político-filosófica eram os cínicos, seguidos pelos cínico-estoicos e estoicos. E, na atualidade, o maior exemplo da *parrhesia* político-filosófica é Julian Assange, como esmiuçaremos a seguir.

⁷³ASSANGE, 2016, p. 11-12.

⁷⁴ Anteriormente, Bradley Manning.

⁷⁵ASSANGE, 2016, p. 12.

⁷⁶Eis que suas identidades e, até, a quantidade de delatores, foi mantida em absoluto sigilo pelo Wikileaks.

3.2. Da filosofia de vida de Assange e da filosofia do Wikileaks

Desde a adolescência, um dos sonhos de Assange era o de fornecer *softwares* e materiais gratuitos para todos na internet, o que foi o embrião do movimento pelo *software* livre (ou de código aberto), ainda nos idos da última década do século XX: “Seu desejo é que a internet ofereça material gratuito para as pessoas, e para isso ele próprio oferece seus serviços gratuitamente”, disse ao juiz, profeticamente, seu advogado Galbally em processo de 1996.⁷⁷

Entre os diversos *softwares* gratuitos por ele criados em conjunto com seus colaboradores, importa citarmos o sistema de criptografia negável Rubberhose, cuja criação foi inspirada por histórias de abuso e tortura de ativistas dos direitos humanos por regimes governamentais opressivos contadas a Assange. A partir disso, lhe surgiu a ideia de um sistema de criptografia com múltiplas camadas misturadas em um disco rígido ou outro dispositivo de armazenamento dinâmico em que cada camada era escrita por sobre a outra, parecendo cada qual conter o espaço total de armazenamento do disco e tendo cada qual uma frase-senha diferente. Assim, caso um ativista fosse torturado para revelar a senha, ele poderia revelar uma senha para camadas criptografadas de conteúdo irrelevante e manter em segurança as informações sensíveis gravadas em outras camadas do dispositivo de tal forma que “nem a análise matemática, nem o teste de disco físico poderão revelar quantos aspectos realmente existem”⁷⁸. Nas palavras do próprio Assange no site do Rubberhose:⁷⁹ “Esperamos que o Rubberhose proteja seus dados e ofereça um tipo mais amplo de proteção para pessoas que correm riscos por causas justas [...]. Nosso lema é: ‘Vamos dar um pouco de trabalho.’”⁸⁰

Em um blog por ele criado, Assange publicou sua teoria para acabar com a injustiça no mundo:

Quanto mais secreta ou injusta é uma organização, mais os vazamentos estimulam o medo e a paranoia na liderança e no círculo de planejamento. Isso deve resultar na minimização da eficiência de mecanismos de comunicação internos (um aumento na ‘taxa de sigilo’ cognitiva) e no conseqüente declínio cognitivo em todo o sistema, o que resulta na diminuição da habilidade de se manter no poder [...]. *Como sistemas injustos, por natureza, atraem adversários, e em muitos lugares mal exercem o controle, o vazamento em massa os deixa perfeitamente vulneráveis àqueles que procuram substituí-los com formas mais abertas de governança. Apenas a injustiça revelada pode ser enfrentada; para o homem fazer algo*

⁷⁷ LEIGH; HARDING, 2011, Edição Kindle, posições 980-1005.

⁷⁸ RUBBERHOSE (SOFTWARE). In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Rubberhose_\(software\)&oldid=55374760](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Rubberhose_(software)&oldid=55374760) . Acesso em: 13 jun. 2023.

⁷⁹ Que não mais existe.

⁸⁰ LEIGH; HARDING, 2011, posições 980-1005, grifos nossos.

inteligente, ele tem de saber o que realmente está acontecendo. (LEIGH, David; HARDING, 2011, Ed. Kindle, pos. 980-1005, grifamos)

Assange finaliza com um trecho que nos faz supor que ele já sabia qual era o seu papel neste mundo desde a adolescência – conforme processo de 1996 supra citado, qual seja:

Se vivemos apenas uma vez, então que seja uma aventura ousada, que reúna todas as nossas forças.[...] O universo inteiro[...] é um adversário digno, mas, por mais que eu tente, não posso deixar de ouvir o sofrimento [...]. Os homens, no auge, quando têm convicções, são chamados a agir de acordo com elas. (LEIGH; HARDING, 2011, Ed. Kindle, pos. 980-1005, grifos nossos)

E a filosofia do Wikileaks funde a máxima *cyberpunk*⁸¹ *privacidade para os fracos, transparência para os poderosos* com o princípio basilar da filosofia *hacker a informação quer ser livre*⁸².

3.3. Do direito de privacidade e do dever de transparência de acordo com Julian Assange

Questão sensível nos nossos dias é a que define os limites entre o direito de privacidade dos cidadãos e o dever de publicidade/transparência dos poderes públicos e de seus representantes eleitos democraticamente. O lema *cyberpunk* que foi usado como fundamento do Wikileaks por Julian Assange é o de dar privacidade máxima aos cidadãos e publicidade máxima aos governos, governantes e grandes empresas e empresários, de forma similar ao princípio da equidade, assegurando mais direitos aos hipossuficientes e mais deveres aos demais, em especial aos detentores do poder.

O princípio da equidade é definido na antiguidade inserido no conceito de justiça definido por Aristóteles em *Ética a Nicômaco*. Para ele, a justiça é uma virtude moral, aquela que estabelece a justa medida, o meio, entre extremos ruins. E a equidade proporcional define a posição intermediária entre alguém recebendo injustamente menos do que merece e, outro, recebendo injustamente mais do que lhe cabe às custas dos outros. A justa medida da justiça situa-se no meio entre os vícios, os extremos, de obter muito ou pouco relativamente ao que se merece, sendo estes dois tipos opostos da justiça, um de excesso desproporcional, o outro de deficiência desproporcional (*Ética a Nicômaco*, 1129a-1132b, 1134a)⁸³.

Na atualidade, com o desenvolvimento das novas tecnologias da informação e com a sua popularização, essa questão se tornou ainda mais relevante. No livro *Cyberpunks* (2016), Julian Assange discute com três ativistas do mundo digital - Jérémie Zimmermann, Jacob

⁸¹ *Cyberpunk*: indivíduo que defende o uso de criptografia forte e tecnologias de privacidade como via para mudanças sociais e políticas.

⁸² ASSANGE *et al*, 2016, p.11.

⁸³ WESTERN THEORIES OF JUSTICE, internet Encyclopedia of Philosophy. Disponível em: <https://iep.utm.edu/justwest/>. Acesso em 08 ago 2023.

Appelbaum e Andy Müller-Maguhn - “os perigos de um mundo onde os dados privados dos cidadãos são sistematicamente coletados e requisitados para vigilância governamental, colocando em grave risco as liberdades civis e políticas.”⁸⁴

Nossos dados pessoais, hábitos e preferências são a valiosa moeda de troca com que pagamos as facilidades que a internet nos proporciona de forma aparentemente gratuita, porém, em verdade, caríssima, a saber:

Empresas como Google e Facebook monitoram todas as atividades dos seus usuários – páginas visitadas, padrões de relacionamentos sociais, palavras-chaves de buscas e muito mais – para melhorar a eficácia da publicidade dirigida. O crescimento desse mercado criou bancos de dados muito amplos e precisos que têm sido requisitados regularmente pelos governos, para combater o crime, mas também para controlar a dissidência política. O barateamento das tecnologias de armazenamento de dados também tem estimulado órgãos de inteligência a fazer monitoramento massivo das comunicações dos cidadãos, algumas vezes com expressa autorização do legislativo e do judiciário. (ASSANGE, 2016, p. 3)

Tais bancos de dados são de aceitação obrigatória via políticas de privacidade e cookies dos sites, redes sociais e aplicativos, eis que, se não aceitos, não se tem acesso ao site em si. Ou abrimos mão integralmente de nossa privacidade e dos nossos dados ou não podemos navegar na internet simplesmente, trata-se de coação para poder participar do mundo contemporâneo.

Conforme afirma Assange, vivemos uma guerra furiosa pelo futuro da sociedade. Essa guerra é invisível para a grande maioria das pessoas. Há, de um lado uma coalisão entre governos e corporações que espionam tudo o que fazemos. E, de outro lado, estão os *cypherpunks*, ativistas e *geeks* virtuosos que desenvolvem códigos e influenciam políticas públicas. Foi esse movimento que gerou e embasou o Wikileaks e sua filosofia⁸⁵.

Na sequência, ele nos fala sobre a militarização da internet, conceito que criou para demonstrar que:

Quando nos comunicamos por internet ou telefonia celular, que agora está imbuída na internet, nossas comunicações são interceptadas por organizações militares de inteligência. É como ter um tanque de guerra dentro do quarto. [...] Nesse sentido, a internet, que deveria ser um espaço civil, se transformou em um espaço militarizado. Mas ela é um espaço nosso, porque todos nós a utilizamos para nos comunicar uns com os outros, com nossa família, com o núcleo mais íntimo de nossa vida privada. Então, na prática, nossa vida privada entrou em uma zona militarizada. É como ter um soldado embaixo da cama. (ASSANGE, 2016, p. 10)

⁸⁴ ASSANGE *et al*, 2016, p. 3.

⁸⁵ ASSANGE *et al*, 2016, p. 9.

Para combater esse processo, Julian Assange e os três *experts* em tecnologia em cuja conversa o livro *Cypherpunks* foi baseado, propõem “o esclarecimento da população, um maior controle público das instituições de vigilância e estratégias técnicas, baseadas em criptografia, para contornar a espionagem de empresas e governos.”⁸⁶ Ademais, exigem eles que seja dada maior publicidade às atividades governamentais com completa transparência para as atividades estatais⁸⁷ e para os atos dos governantes que, por serem eleitos para representar e realizar a vontade do povo, e não as suas vontades individuais, têm o dever de disponibilizar todos os seus atos e dados, dando-lhes total publicidade e transparência, posto que abdicaram de sua privacidade ao se tornarem agentes públicos eleitos.

Para além de Assange, outros vazamentos de documentos governamentais secretos vêm ocorrendo, como os de Edward Snowden, ex-agente da NSA - a Agência Nacional de Segurança norte-americana - que vazou milhares de documentos com gravações ilegais - grampos - de conversas de cidadãos americanos e de governos e pessoas ao redor do mundo, bem como o roubo de dados privados destes via internet.

Tais vazamentos provocaram inquietação e revolta, eis que comprovaram o que já se temia, o contínuo enfraquecimento, senão a abolição, das proteções concedidas às esferas privadas dos indivíduos nas democracias contemporâneas. Cada vez mais, os Estados têm instalado sistemas de vigilância e de coleta de dados que operam internacionalmente; e não se trata mais da vigilância de indivíduos suspeitos de envolvimento em atividades criminosas ou terroristas - como apregoam os Estados -, trata-se da vigilância de todos a todo tempo⁸⁸. Como alerta Lagasnerie, *qualquer pessoa, em todo o mundo, está agora exposta ao olhar atento do poder: e-mails, telefonemas e trocas em redes sociais podem ser – ou têm sido há muito – arquivados, coletados e examinados por serviços de inteligência, agências policiais, e outros.* (LAGASNERIE, 2017, p. 13)

A partir das informações de tais vazamentos, podemos perceber que as conquistas do liberalismo político do século XIX estão sendo esvaziadas mais e mais. Em verdade,

[...] uma das glórias do liberalismo é ter inventado um Estado que se impõe limites e incorpora a capacidade de autocontradição ao instituir um certo número de direitos: as noções de “privacidade”, pessoal ou não, e de “domicílio” constituem medidas legais e teóricas destinadas a garantir a integridade das esferas sociais das quais o Estado se exclui – ou, mais precisamente, esferas nas quais o Estado não pode entrar exceto em condições limitadas, estritamente definidas por lei. (LAGASNERIE, 2017, p. 13)

⁸⁶ ASSANGE *et al*, 2016, p. 3.

⁸⁷ Idem, *ibidem*.

⁸⁸ LAGASNERIE, 2017, p. 14.

Contudo, um novo tipo de racionalidade política está surgindo, aquele em que o Estado ultrapassa as barreiras que impediam sua lógica intrusiva, ele não aceita mais tais restrições, quer esticar seus tentáculos por sobre tudo e todos sem limite. O Estado vem alargando seu campo de intervenção e destruindo os direitos e garantias individuais fundamentais, sem nenhum pudor⁸⁹.

A ameaça do terrorismo é usada como subterfúgio para justificar o abuso de poder com o fito de monitorar e intervir na vida dos indivíduos, nas vidas privadas de todos nós. Os Estados - principalmente os Estados Unidos da América - consideram tudo de seu domínio, nada pode estar fora de seu alcance e controle, nem mesmo dentro da esfera de soberania de outros Estados, eis que, para eles, ela sequer existe, tudo é da sua conta - ainda que não seja. As novíssimas tecnologias de vigilância da era da internet e da inteligência artificial visam à supremacia absoluta do Estado, na qual não haverá mais nada fora dele. Com isso, farão esvanecer no ar a noção de privacidade, que está prestes a se tornar obsoleta - se é que isto já não ocorreu e só nós, indivíduos, não o sabemos. Estaríamos vivendo uma ilusão de privacidade?⁹⁰

Nesses tempos de vigilância estatal em massa que está em todo lugar e de tudo sabe, é nosso dever de cidadãos criar espaços privados que escapem à supervisão e ao controle do Estado se quisermos retomar nosso direito à privacidade⁹¹. Mas como poderemos fazer isto?

Dentre os principais objetivos dos grupos que atuam nessa matéria - principalmente o Wikileaks de Julian Assange, mas também o Anonymous - está o de informar os cidadãos sobre os métodos de criptografia, eis que, para eles, todos devem ser capazes de ocultar comunicações privadas e ocultar sua identidade na internet de forma a escaparem, assim, à vigilância estatal. Vez que a lei não mais impede a intrusão do Estado nas vidas privadas dos indivíduos - eis que o Estado não mais cumpre as próprias leis -, cabe a estes utilizar os meios tecnológicos existentes - e disponibilizados gratuitamente por tais ativistas - para reconstituir uma esfera autônoma e inviolável de privacidade na qual o Estado não possa transpor⁹².

O que é intrigante aqui é que esse movimento contrário às violações de privacidade ocorridas por meio da internet não levou a um abandono das tecnologias de informação, mas

⁸⁹ LAGASNERIE, 2017, p. 13.

⁹⁰ LAGASNERIE, 2017, p. 14.

⁹¹ Idem, ibidem.

⁹² Idem, ibidem.

levou à busca de novas tecnologias capazes de garantir a inviolabilidade da privacidade dos indivíduos nas suas comunicações via internet⁹³. Nas palavras de Lagasnerie:

A vontade de reconstituir, contra a intrusão do Estado, uma esfera “íntima” – uma esfera da “vida privada” – não levou ao discurso antitecnológico; não cedeu à tentação reacionária de retroceder, de se retirar do mundo tecnológico. Muito pelo contrário: deu origem a um discurso e a uma práxis que exigem ainda mais tecnologia, maior domínio técnico. (LAGASNERIE, 2017, p. 14)

Ao final, após tão profícuo debate, o que prevalecerá desse embate de princípios somente as próximas gerações poderão responder:

Será que a era digital vai marcar o início da liberação individual e da liberdade política que só a internet é capaz de proporcionar? Ou ela vai criar um sistema de monitoramento e controle onipresentes, que nem os maiores tiranos do passado foram capazes de conceber? *Hoje, os dois caminhos são possíveis. São as nossas ações que irão determinar nosso destino.* (GREENWALD, 2014, Ebook, introdução, p. 7)

Essa exigência de total publicidade e transparência aos atos e à vida pessoal dos governantes os colocaria, *mutatis mutandi*, na posição dos cínicos, cuja vida de cão se dava em público, em plena ágora, onde provocavam o escândalo cínico. A analogia não é tão esdrúxula quanto parece, se lembrarmos que, hoje, com os jornais, tabloides, computadores, *notebooks*, *smartphones* e com o uso disseminado da IA - inteligência artificial - se tornou fácil ter acesso aos dados privados dos governantes e expô-los em ‘praça pública’, ou seja, por todas as mídias.

Por entendermos que o direito à privacidade, ainda que restrito ao mínimo essencial, é um direito constitucional no Brasil⁹⁴ e direito internacional público⁹⁵ garantido a todos os humanos, não podemos concordar com a sua supressão para os governantes eleitos e, nem mesmo, para todos os atos dos governos propriamente ditos, visto que é necessário manter uma esfera de sigilo no âmbito da defesa militar de cada Estado, e.g. dos códigos nucleares.

De outro lado, o direito à privacidade dos cidadãos também não pode ser ilimitado, eis que daria vazão ao cometimento dos mais diversos atos criminosos sem que desses se pudesse ter qualquer prova, impedindo a defesa das vítimas e de toda a sociedade. Necessário se faz que tenhamos o dever de dar publicidade, ainda que restrita aos órgãos públicos, por exemplo, dos nossos rendimentos para que se possa calcular e cobrar os tributos que devemos ao Estado - uma contribuição necessária à comunidade em que vivemos - e das vacinas que tomamos ou

⁹³ LAGASNERIE, 2017, p. 14.

⁹⁴ Ver Art. 5º, incisos X, XII e

XXXIII da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.

⁹⁵ Ver Art. 12 da Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU.

não de forma a proteger a saúde e a vida da sociedade como um todo pela imunização coletiva contra doenças infecciosas, bem como nossas atividades online precisam deixar - e deixam - um rastro que as ligue até cada um de nós para que se possa responsabilizar aqueles que cometem os mais diversos atos ilícitos e crimes no ambiente digital.

E, para fechar este ponto, consideramos necessário citar, na íntegra, as palavras de Edward Snowden:

Muitos irão me maldizer por não ter praticado o relativismo nacional, por não ter desviado os olhos dos problemas da [minha] sociedade em direção a males distantes, externos, sobre os quais não temos autoridade e pelos quais não somos responsáveis, mas a cidadania traz consigo um dever de policiar primeiro o próprio governo antes de tentar corrigir outros. Aqui, hoje, em nosso país, estamos sujeitos a um governo que só permite uma supervisão limitada e que se recusa a prestar contas quando crimes são cometidos. Quando jovens marginalizados cometem pequenas infrações, nós, como sociedade, olhamos para o outro lado enquanto eles sofrem consequências atroz no maior sistema prisional do mundo, mas quando os provedores de telecomunicações mais ricos e poderosos do país cometem, conscientemente, dezenas de milhões de crimes, o Congresso aprova a primeira lei de nossa nação que proporciona a seus amigos da elite uma imunidade retroativa total – cível e penal – para crimes que teriam merecido as mais longas sentenças de prisão da história

Essas empresas têm os melhores advogados do país em seus quadros, e não enfrentam sequer a menor das consequências. Quando é revelado que funcionários no mais alto nível do poder, incluindo especificamente o vice-presidente, conduziram pessoalmente esses atos criminosos, o que deveria acontecer? Se você acredita que essa investigação deve ser interrompida, que seus resultados devem ser classificados como mais do que ultrassecretos em um compartimento especial de “Informações Excepcionalmente Controladas” chamado STLW (STELLARWIND), que quaisquer investigações futuras sejam impedidas segundo o princípio de que obrigar aqueles que abusam do poder a prestar contas vai contra os interesses nacionais, que nós devemos “olhar para a frente, não para trás”, e em vez de acabar com o programa ilegal você o expandiria para incluir ainda mais autoridades, então será bem-vindo nos salões do poder dos Estados Unidos, pois foi nisso que eles se transformaram, e eu estou divulgando os documentos que provam isso.

Entendo que serei obrigado a responder pelos meus atos, e que a revelação dessas informações ao público assinala o meu fim. Ficarei satisfeito se o conluio de leis secretas, perdão desigual e poderes executivos ilimitados que governa o mundo que amo for desmascarado, nem que seja por um único instante. Se você quiser ajudar, faça parte da comunidade open source e lute para manter o espírito do jornalismo vivo e a internet gratuita. Eu estive nos cantos mais sombrios do governo, e o que eles mais temem é a luz. (GREENWALD, 2014, p. 30-31)

Snowden, como Assange, se mostra *parrhesiasta* político-filosófico, que vive a vida da verdade. Conhecía seu destino e ainda assim não pôde deixar de delatar as informações governamentais secretas ou classificadas a que teve acesso, por amor ao mundo.

3.4. Filosofias e filósofos afeitos à ética do Wikileaks de Julian Assange

Para além dos citados filósofos antigos Epicteto, Musônio Rufo e Sêneca, e do contemporâneo Foucault, há outras filosofias e filósofos que ou fundamentam ou se afiliam à ética proposta por Assange no Wikileaks, qual seja: privacidade para os fracos, publicidade para os poderosos.

De início, citamos Giorgio Agamben que, logo após o atentado terrorista de 11 de setembro de 2001, deixou sua cátedra na Universidade de Nova York e deixou de ir aos EUA por discordar da política instituída pelo governo de George W. Bush que, face à luta contra o terror, justificava abusos e excessos injustificáveis na guerra do Afeganistão e, posteriormente, na guerra do Iraque. Em seu artigo publicado pelo jornal *Le Monde* em 10 de janeiro de 2004, ele assevera que estávamos sendo compelidos a aceitar como normais práticas de controle estatal que sempre foram consideradas desumanas e excepcionais e que, desta forma, estávamos entrando em uma nova era bio-política, indo um passo além do já criticado por Foucault na progressiva animalização do ser humano estabelecida pelas mais sofisticadas técnicas⁹⁶.

De forma que, com as novas tecnologias, os Estados fizessem da pessoa, de qualquer pessoa, a suspeita ideal, chegando ao ponto extremo de que a humanidade em si mesma tenha se tornado a classe perigosa⁹⁷, numa inversão de valores culminando na hipervigilância estatal e no fim da privacidade e das liberdades individuais.

Agamben, ainda, lembrou que anos antes já havia escrito que o paradigma político ocidental deixara de ser a cidade-estado e se tornara o campo de concentração, passando de Atenas para Auschwitz e alertou que “a tatuagem bio-política exigida pelos Estados Unidos para adentrar em seu território podia muito bem ser a precursora do que nós seríamos obrigados a aceitar posteriormente como o registro de identificação normal de um bom cidadão nas engrenagens e mecanismos estatais. É por isso que devemos nos opor a tais

⁹⁶ AGAMBEN, 2008, p. 201-202.

⁹⁷ *Ibidem*.

práticas estatais”⁹⁸, predizendo o futuro das próximas décadas do recém iniciado, à época, século XXI, no qual passa a imperar a normalização da invasão de privacidade estatal sobre os cidadãos com base no “pretexto antiterrorista”.

Apoiando diretamente Julian Assange e o Wikileaks temos Slavoj Žižek, filósofo e analista cultural esloveno, e Noam Chomsky, filósofo, sociólogo, linguista, cientista cognitivo e ativista político.

Žižek participou de um importante debate com Assange tendo como intermediadora a jornalista Amy Goodman do programa de notícias *Democracy Now!* em 02 de julho de 2011, do qual passamos a citar relevantes trechos:

Amy Goodman: Slavoj Žižek, qual é a importância do Wikileaks hoje no mundo?

Slavoj Žižek: Deixe-me começar com o significado do vídeo *Collateral Murder* divulgado pelo Wikileaks na primavera de 2010. Você sabe por que isso é importante? Por causa do modo como a ideologia funciona hoje. Não é tanto que as pessoas não saibam disso, mas a maneira como os que estão no poder manipulam (a informação). Nós todos sabemos que coisas sujas estão sendo feitas, mas você está sendo informado sobre isso obliquamente, de tal forma que basicamente você é capaz de ignorar (a notícia) – notícias que são tantas e tão frequentes que banalizam os males da política atual.

Claro que todos nós sabemos que eles não estão dizendo toda a verdade, mas esse é o truque da ideologia. Mesmo que não mintam diretamente, as implicações que fazem e as coisas que não dizem são uma mentira. E você (Assange) traz isso à tona. Você não está pegando tanto eles, como eles dizem, com as calças abaixadas, mentindo em nome do que eles dizem explicitamente, mas precisamente em nome do que implicam ao dizê-las. E acho que esse é um mecanismo absolutamente crucial na ideologia. não só importa o que você diz; importa o que você quer dizer.

(...)

A imprensa burguesa hoje tem seu jeito próprio de ser transgressora. Isto é, a ideologia não apenas controla o que se diz, mas também como se pode violar o que é permitido dizer. Então você (Assange) não está apenas violando as regras. Você está mudando as próprias regras de como fomos autorizados a violar as regras. Essa é talvez a coisa mais importante que você pode fazer – numa forma de subversão eficaz.

Agora, (deixe-me) levantar um ponto mais importante sobre a acusação de terrorismo contra você (Assange). Você é um terrorista no sentido de que

⁹⁸ AGAMBEN, 2008, p. 201-202.

Gandhi era um terrorista. ele efetivamente tentou parar, interromper o funcionamento normal do estado britânico na Índia. E, claro, você está tentando interromper o normal, opressivo, funcionamento da circulação da informação. Qual é o seu, entre aspas, “terrorismo” comparado ao terrorismo (estatal) que simplesmente aceitamos, que tem que continuar dia a dia para que apenas as coisas continuem como estão? É aí que a ideologia nos ajuda. Quando falamos de terrorismo violento, sempre pensamos em atos que interrompem o curso normal das coisas. Mas e a violência que tem que estar aqui para que as coisas continuem como estão? Então eu acho que o termo “terrorismo” é estritamente uma reação a um terrorismo muito mais forte que está aqui. Se você é um terrorista, meu Deus, quem são eles que o acusam de terrorismo? - o que remete ao que citamos supra da filosofia de Giorgio Agamben quanto ao terrorismo estatal praticado com o pretexto antiterrorista.

Amy Goodman: Vamos falar sobre o início do Wikileaks. Nos diga sobre como você fundou, nomeou e quais eram suas esperanças para o futuro dele, e se neste ponto você ficou desapontado com o que você foi capaz de realizar ou se surpreendeu com isso.

Julian Assange: Estou maravilhado com isso, é claro. É um momento extraordinário que vivi e vi muitos de meus *sonhos e ideais* entrarem em prática – como já dito, os *parrhesiastes* são idealistas visionários, buscam utopias e sonhos para o bem de toda a humanidade.

Dito isso, acho que estamos a apenas um centésimo do caminho, em termos do que temos para liberar e descobrir e coletar e colocar as ideias na cabeça das pessoas e as solidificar no registro histórico. E uma vez que nós começarmos a obter esse tipo de volume e concretizarmos e protegermos os direitos de todos de se comunicarem uns com os outros, o que, para mim, é o ingrediente básico da vida civilizada – não é o direito de falar. O que significa ter o direito de falar se você está na lua e não há ninguém por perto? Isso não significa nada. Em vez disso, *o direito de falar vem do nosso direito de saber. E (por exemplo) nós dois juntos, alguém tem o direito de falar e o outro tem o direito de saber, produzindo o direito de comunicar, e essa é a estrutura de base para tudo o que valorizamos sobre a vida civilizada. E por “civilizada” não quero dizer industrializada. Quero dizer pessoas colaborando para não fazerem besteira, ao invés disso, aprenderem com as experiências anteriores e aprenderem uns com os outros para incentivarem uns aos outros juntos a fim de passar pela vida que vivemos de uma forma menos adversa* – uma utopia comunitarista como a da República de Zenão de Cítio, fundador do estoicismo (D.L. 7.1-34).

Então, isso significa proteger as pessoas que contribuem para nosso registro intelectual compartilhado e também significa proteger os editores e encorajar a distribuição de registros históricos para todos que precisam saber sobre isso.

E acho que a distorção da história pela mídia, de todas as coisas que devemos saber para que possamos colaborar juntos como uma civilização, é

a pior coisa. É o nosso maior impedimento para o progresso. Mas está mudando. Estamos próximos da mídia que está tão vinculada ao poder de todas as formas. O que torna este momento tão interessante é que podemos dominar a internet e podemos dominar as várias formas de comunicação que temos uns com os outros nos valores da nova geração que foi educada pela internet, fora da distorção da mídia tradicional. E todos aqueles jovens estão se tornando importantes dentro das instituições.

Eu quero falar sobre o que significará quando as instituições mais poderosas, da CIA à News Corporation, serão todas organizadas usando programadores de computador, usando administradores de sistema, usando técnicos jovens. O que isso significará quando todos aqueles jovens técnicos adotarem um determinado sistema de valores e, trabalhando em instituições onde eles não concordam com o sistema de valores, mas, na verdade, serão suas as mãos que estarão nas máquinas? E são esses jovens técnicos que são os mais educados pela internet e têm a maior capacidade de receber os novos valores que estão sendo divulgados e as novas informações e fatos sobre a realidade que estão sendo divulgados fora das distorções da grande mídia – aqui temos a utopia de Assange, uma revolução feita por dentro das grandes empresas e do governo pelos técnicos e especialistas em tecnologia da informação implantando sua ética em todos os sistemas de forma a virar o jogo do poder e devolvê-lo ao povo.

Slavoj Žižek - Então eu estou dizendo que se há algo realmente para defender do chamado legado judaico-cristão⁹⁹, (é) esta ideia de democracia não apenas como esse direito (...) de votar totalmente isolado, mas como espaço público de debate (e) comunicação. Essa deve ser a nossa resposta a todos aqueles políticos populistas e anti-imigrantes.

Só mais uma coisa. Este não é um ponto crítico para você, mas um ponto para esclarecer o que o Wikileaks pode fazer. Não devemos fetichizar a verdade como tal. Vivemos tempos de incríveis investimentos ideológicos, tempos em que a ideologia é muito forte justamente porque nem sequer é vivida como ideologia.

O que estou tentando dizer é que discordo não de você, mas, por exemplo, com outra pessoa por quem tenho respeito: Noam Chomsky. Um amigo meu me disse que Chomsky disse a ele recentemente que hoje todas as obscenidades são tão claras que não precisamos de nenhuma crítica da ideologia, nós só precisamos dizer às pessoas a verdade. Não, *a verdade deve ser contextualizada no sentido do que justifica, do que diz, do que nega.*

Então, para concluir, este é meu ponto sobre o Wikileaks: você não está simplesmente dizendo a verdade. Você está dizendo a verdade de uma forma muito precisa de confrontar linhas explícitas de justificação e racionalização

⁹⁹ Aqui há equívoco de Žižek. Em verdade, a democracia a que Žižek se refere não é judaico-cristã, mas ateniense, dos áureos tempos de Sócrates e tantos filósofos antigos, quando a democracia direta ocorria com debates em praça pública, na ágora de Atenas.

– o discurso público com seus pressupostos implícitos. Não é apenas sobre dizer a verdade.

(...)

Julian Assange - Por outro lado, isso também gerou uma situação em que o primeiro-ministro sueco e o ministro da justiça sueco me atacaram pessoalmente e disseram que (eu) tinha sido acusado, perante o público sueco, quando não tinha (não havia qualquer denúncia formal no judiciário sueco contra mim).

Slavoj Žižek - É um paradoxo kafkiano ser extraditado sem sequer ter sido acusado.

Eu acho importante que eles não possam mais negar isto. Estamos numa situação em que todos sabemos, mas ainda podemos jogar o jogo cínico “Vamos agir como se não soubéssemos.” A função do Wikileaks, afirmo, em situações ideológicas e políticas concretas, é nos empurrar para esse ponto onde você não pode mais fingir que não sabe – o ponto de onde não há mais retorno, o ponto de virada.

Mesmo que você ignore o Wikileaks, ele mudou todo o campo jornalístico. E, novamente, mesmo a nível de publicação, divulgação de informações, você empurrou coisas de uma maneira muito formal a um ponto de inegabilidade. *Ninguém pode fingir que o Wikileaks não aconteceu. A questão é não permitirmos (que suas conquistas) seja(m) renormalizada(s), (mas) permanecermos fiéis a elas* – o que só acontecerá se nos manifestarmos publicamente e lembrarmos a tantos quanto possível das revelações feitas pelo Wikileaks e de sua defesa das liberdades de expressão e de imprensa e do direito de sabermos o que os nossos governantes fazem em nossos nomes sem a nossa autorização, posto que a mídia tradicional não está cobrindo o caso de Assange adequadamente.

Julian Assange - Bem, aí está o grande futuro que se pode desejar. Para que seja um futuro onde todos possamos comunicar livremente nossas esperanças e sonhos, informações factuais sobre o mundo uns com os outros, e o registro histórico seja um item completamente ‘sacrossanto’, que nunca poderá ser alterado, nunca será modificado, nunca será excluído, e que nos desviará do dito de Orwell de “aquele que controla o presente controla o passado”. *Então isso é algo que ao longo de toda minha vida busquei fazer. E disso flui a justiça, porque a maioria de nós tem um instinto de justiça, e a maioria de nós é razoavelmente inteligente, e se pudermos nos comunicar uns com os outros, sem sermos oprimidos e todos soubermos o que está acontecendo, então praticamente (todo) o resto cai. Então, essa é a minha grande esperança. (...)*¹⁰⁰

Noam Chomsky, por sua vez, participa com frequência das campanhas em prol da libertação de Assange, de cujos eventos online destacamos sua visão sobre o jogo de poder

¹⁰⁰ WIKILEAKS' JULIAN ASSANGE & PHILOSOPHER SLAVOJ Žižek IN CONVERSATION WITH AMY GOODMAN. Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PL83C859A68424465C>. Acesso em 13 ago 2023.

em que todos estamos envolvidos e do presente que Assange nos deu sobre as entranhas dos governos e sobre como podemos virar esse jogo de poder a nosso favor, a favor do povo¹⁰¹.

Ele afirma que o principal objetivo dos governos em manter certos documentos como secretos não é para salvaguardar nenhum segredo estatal, mas, pelo contrário, é para salvaguardar o poder nas mãos dos governantes, como qualquer um que teve acesso aos documentos vazados pode comprovar facilmente, é a forma mais eficaz de garantir que o poder se mantenha nas mãos dos mesmos poucos de sempre¹⁰² – o que independe de ideologia ou partido político.

Isso porque esses poderosos que mandam e desmandam no mundo sabem muito bem que estão seguros apenas por um fino véu de legalidade e estrutura estatal¹⁰³ – os três poderes e sua separação, bem como seu dever de controlar os demais poderes no antigo sistema de pesos e contrapesos – que, se retirado, os destronará de imediato. O público, o povo é o grande inimigo do(s) Estado(s) e deve ser mantido na ignorância para que governos e governantes subsistam¹⁰⁴.

O crime de Julian Assange é violar os princípios não-escritos de qualquer governo ao levantar o véu de sigilo que protege o poder do escrutínio popular, pois é bem compreendido pelos poderosos que levantar o véu pode se tornar a força para evaporá-lo por completo e pode, até, levar à autêntica liberdade e democracia se um povo despertado vier a entender que a força está do lado dos governados e, se eles verdadeiramente entenderem que possuem tal força por seus números, se eles se unirem, poderão controlar seu próprio destino¹⁰⁵. O que pode, se bem realizado, nos levar a reinstaurar a democracia direta ateniense, perdida há cerca de dois milênios, por meio das novas tecnologias, em pleno século XXI. E idealmente, esse governo do povo pelo povo, além de democrático, ocorrerá de forma cooperativa e comunitária, se alcançarmos juntos a *oikeiosis hairitike* – a apropriação por escolha racional dos bens, por meio da qual, o ser humano busca as ações apropriadas e os bens morais (as excelências)¹⁰⁶ -, tornando-nos sociáveis, comunitários e cidadãos do Cosmos, exercendo nele o nosso papel individual para o bem de todos¹⁰⁷.

¹⁰¹ NOAM CHOMSKY ON SUPPORT OF JULIAN ASSANGE. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=gxLa6jtF01g&list=PLvjgztX_Uo3Yu7DIdLb17_7CTSzhjfcL1&index=5. Acesso em 05 ago 2023.

¹⁰² Ibidem.

¹⁰³ Ibidem.

¹⁰⁴ Ibidem.

¹⁰⁵ Ibidem.

¹⁰⁶ DINUCCI, Aldo, 2016, p. 80.

¹⁰⁷ Idem, p. 85-86.

Temos muito a agradecer a Julian Assange por sua coragem e integridade em nos fornecer este presente precioso, o direito de saber a verdade sobre o que os governantes fazem em nossos nomes e sem a nossa anuência, o que custou - e ainda custa - muito para si mesmo, concretizando o vaticínio dos *parrhesiastes*, que correm grandes riscos por falar a verdade aos poderosos. No caso de Assange, tais riscos se tornaram fatos com a campanha difamatória sofrida, o asilo político na Embaixada do Equador, na sua prisão na penitenciária de segurança máxima de Belmarsh em regime de solitária, na tortura psicológica e física sofrida, no fato de não ter condições mínimas de saúde durante este longo período; e, ainda, correndo o risco de ser extraditado para os EUA, de ser ainda mais torturado, de cumprir pena perpétua e, até, de ser morto ou morrer no cárcere.

Conforme o relator especial das Nações Unidas sobre tortura Nils Melzer afirma em seu livro *The Trial of Julian Assange*, *não podemos nos omitir no caso de Assange “(...) porque o meu silêncio ou inércia equivaleria à cumplicidade no acobertamento de crimes graves, tanto os denunciados por Assange quanto os cometidos contra ele e, portanto, contra todos nós”*¹⁰⁸.

Por fim, consideramos que a defesa das liberdades de expressão e de imprensa e do direito de saber o que os governantes fazem em nossos nomes sem a nossa anuência, bem como a defesa dos direitos daquele que lutou por tais direitos e mudou o modo de se fazer política no mundo contemporâneo é nosso dever de reciprocidade comunitária para com Julian Assange até que ele seja libertado e possa desfrutar minimamente de sua vida e colher os merecidos louros por seus atos parrhesiásticos.

CONCLUSÃO

Nosso trabalho foi composto por três capítulos enfocando a temática da *parrhesia*. Sendo, o primeiro deles, o embasamento teórico do que é a *parrhesia* sob o olhar de Foucault que a analisou nos filósofos Sócrates e nas escolas helenistas que o seguiram, o estoicismo, o

¹⁰⁸ MELZER, 2022, Introduction – p. 3.

cinismo e o cínico-estoicismo, ao que acrescentamos citações dos filósofos estoicos Epicteto e Sêneca. O segundo, nossa aplicação da teoria à prática *parrhesiasta* de Julian Assange, que consideramos o maior *parrhesiastes* da atualidade. Estes dois primeiros capítulos são artigos independentes entre si, embora partilhem do tema principal, a *parrhesia*, o que nos levou a redigir o terceiro capítulo como o diálogo entre eles, a costura que os une e tece suas diferenças e semelhanças.

O conceito geral de *parrhesia* proposto por Foucault é que o *parrhesiastes*, aquele que usa a *parrhesia*, é alguém que diz tudo o que tem em mente. A *parrhesia* vem de baixo e é direcionada para cima, há disparidade hierárquica a ela inerente. Para haver *parrhesia*, é indispensável a existência do risco e da fala crítica da verdade e a relação hierárquica entre o *parrhesiastes* inferior e o interlocutor superior numa relação de poder. O *parrhesiastes* sente que é seu dever falar a verdade, toda a verdade, não esconder nada, num ato de coragem extrema, sem se importar com as consequências que poderá sofrer por seu ato de bravura¹⁰⁹. E ser *parrhesiastes*, ainda, exige uma relação consigo mesmo: ele prefere a si mesmo enquanto alguém que diz a verdade ao invés de viver sendo alguém que é falso para consigo mesmo¹¹⁰.

Ou seja, o *parrhesiastes*, concluímos, é aquele que diz a verdade aos poderosos em prol do bem comum e maior, ainda que, para isso, corra os maiores riscos, desde a perda de sua saúde física e mental por tortura, à prisão, ao exílio e, até, a morrer pela causa que defende. Tudo lhe é desfavorável individualmente, contudo, socialmente, tudo lhe é extremamente favorável, eis que age na busca dos direitos mais fundamentais dos indivíduos que compõem essa sociedade, na busca dos direitos do povo em si.

Na sequência, Foucault classifica a *parrhesia* em três tipos, a *parrhesia* filosófica, a *parrhesia* política e a *parrhesia* político-filosófica. Concluímos, porém, que a classificação dos tipos de *parrhesia* formulada por Foucault não está plenamente acertada, eis que a *parrhesia* filosófica não pode ser isolada da *parrhesia* político-filosófica nem em Sócrates, nem nos estoicos, cínico-estoicos e cínicos, posto que os casos por nós estudados estão vinculados à política, tendo sido ela o componente principal para que a coragem desses humanos se tornasse *parrhesia* e envolvesse o risco inerente à essa figura. Portanto, se não há *parrhesia* sem risco, também não há *parrhesia* meramente filosófica. Destarte, damos por categorias ou tipos de *parrhesia* apenas a *parrhesia* política e a *parrhesia* político-filosófica.

¹⁰⁹FOUCAULT, 2013a, p. 8-9.

¹¹⁰Idem, p. 7.

A *parrhesia* política é “O ato do político corajoso que arrisca sua vida pela verdade contra a opinião do Príncipe ou da Assembléia. É a bravura política da fala da verdade”¹¹¹ Neste ponto, também tecemos crítica à perspectiva foucaultiana, visto que ele afirma que não haveria *parrhesia* na democracia. A nosso ver, a *parrhesia* não deixou de existir em nenhum momento até nossos dias, nem na democracia direta nem na democracia representativa. É, pelo contrário, exatamente aí, na democracia representativa, que surgem os *parrhesiastes* que, com grande coragem e sujeitos aos maiores riscos, enfrentam governos autoritários, despóticos ou corruptos que pregam a democracia e, no entanto, praticam as mais diversas atrocidades contra seus cidadãos. Esses verdadeiros heróis têm seus nomes meritoriamente registrados na história, desde aqueles da antiguidade, como Sócrates e os integrantes da Oposição Estoica¹¹², até os da contemporaneidade, como Edward Snowden, Chelsea Manning e Julian Assange, este último que consideramos o maior *parrhesiastes* da atualidade, o que fundamentamos no capítulo terceiro de nossa dissertação.

E, para Foucault, o palco primordial da *parrhesia* política tornou-se a corte real, o que a tornou dependente das qualidades pessoais do rei, que pode aceitar ou não a fala franca e crítica de seus conselheiros, geralmente filósofos. É contra a opinião desse Príncipe ou dessa Assembleia, e é pela verdade, que o homem político, se for corajoso, arrisca a vida¹¹³. E, a partir daí, a *parrhesia* se torna, cada vez mais, não um direito, como na democracia ateniense, mas uma atividade pessoal, uma escolha de bios (modo de vida)¹¹⁴.

E a *parrhesia* político-filosófica ou a vida da verdade, para Foucault, é o exemplo máximo desse tipo de *parrhesia*, é a vida cínica, que ele chamava de “escândalo cínico”, e envolvia não apenas a fala da verdade, mas a vida dessa verdade em sua própria vida, a prática da filosofia, a qual, no cinismo, implicava em “encarar a raiva das pessoas quando apresentavam a elas a imagem daquilo que elas aceitavam como valores em pensamento, mas não aplicavam na prática. Quando os cínicos praticavam de fato e em praça pública os valores da filosofia, eram rejeitados e desprezados pelas mesmas pessoas que apregoavam ter esses mesmos valores. Esse era o escândalo cínico”. E, embora Foucault não tenha salientado neste trecho, em vários outros que vimos supra, ele considerava também como vida da verdade a prática da *parrhesia* político-filosófica vivida pelos filósofos estoicos e cínico-estoicos. Nela incluímos a *parrhesia* socrática que, ainda que classificada por Foucault como *parrhesia*

¹¹¹FOUCAULT, 2011, p. 233-234.

¹¹² “Oposição Estoica, um grupo de romanos de ranque senatorial com educação filosófica estoica que sistematicamente se opuseram à tirania de alguns dos imperadores do século I, defendendo a instituição romana da Libertas”. (DINUCCI, et. al., 2019).

¹¹³ FOUCAULT, 2012, p. 205

¹¹⁴ FOUCAULT, 2013c, p. 55.

filosófica, nós consideramos como *parrhesia* político-filosófica, eis que seu caráter político é inegável e que Sócrates é o primeiro exemplo de vida da verdade, tendo inaugurado a filosofia humanista no ocidente, exemplo no qual muitos se inspiraram e se inspiram até nossos dias.

Outro ponto importante a ser enfatizado na *parrhesia* político-filosófica estoica é que, nela, o tema da filosofia, com seu foco em como acessar a verdade, andava *pari passu* com a questão da espiritualidade, segundo a qual, para acessar a verdade, é necessário que o sujeito transforme sua vida como um todo¹¹⁵, buscando nos exercícios práticos estoicos tal transformação para chegar ao cuidado de si e dos outros, culminando na ação comunitária em prol do bem comum e maior que coincide com o seu próprio bem: eis que somos apenas parte de um todo maior - a natureza, o Cosmos ou Deus - e, por isso, só podemos fazer o bem a nós mesmos quando fazemos o bem para todos ou para o todo. E, quando se age em favor do bem de todos, comunitariamente, se faz política¹¹⁶.

No segundo capítulo, nos filiamos à causa de Julian Assange pois, a nosso ver, ele é o maior arauto da *parrhesia* greco-romana na atualidade. Comparamos sua ação com a filosofia estoica de Musônio Rufo e Epicteto no que tange à vida revelada, a vida dos *parrhesiastes* que praticavam a *parrhesia* político-filosófica.

Esclarecemos que, de acordo com os ditos de Assange, Musônio Rufo e Epicteto que lá citamos, pessoas públicas têm o dever de dar total transparência aos seus atos. Se não o fazem, é porque têm algo a esconder, porque agiram de forma imoral, injusta ou ilegal, e isso necessariamente deve vir a público. E que foi desse papel que Julian Assange se imbuíu, ou que o Logos lhe deu na peça teatral que encenamos em nossas vidas, mas na qual não nos cabe escolher nosso papel, apenas bem desempenhá-lo, conforme nos diz Epicteto no capítulo XVII do *Encheiridion*¹¹⁷.

Contamos a história do polêmico site Wikileaks com seus múltiplos *leaks* (vazamentos) que contribuíram com a Primavera Árabe, bem como com o colapso de todo o

¹¹⁵ FOUCAULT, 2006, p. 21-22.

¹¹⁶ De acordo com Aristóteles em seu tratado "A Política": Visto que vemos que cada cidade-estado é uma espécie de comunidade e que cada comunidade é estabelecida em prol de algum bem (pois todos fazem tudo em prol daquilo que acreditam ser bom), é claro que cada comunidade visa algum bem, e a comunidade que tem a maior autoridade de todas e inclui todos os outros tem como objetivo mais elevado, isto é, o bem com maior autoridade. Isso é o que chamamos de cidade-estado ou comunidade política. [I.1.1252a1-7] In: Miller, Fred, "Aristotle's Political Theory", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Edição de outono de 2022), Edward N. Zalta & Uri Nodelman (eds.), Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/fall2022/entradas/aristoteles-politica/>. Acesso em 25 ago. 2023.

¹¹⁷ Epict. Ench. XVII: "Lembra que és um ator na peça teatral que o Dramaturgo [27] quiser: se Ele a quiser breve, breve será; se longa, longa será; se Ele desejar que interpretes o papel de mendigo, é para que interpretes esse papel com habilidade. E, da mesma forma, se coxo, se magistrado, se homem comum. Pois isso é teu: interpretar belamente o papel que te é dado. Mas cabe a outro escolhê-lo." (Trad. DINUCCI).

sistema bancário da Islândia e trouxemos à luz a práxis do Wikileaks e de seu fundador Julian Assange que é a de levar ao conhecimento de todos os crimes praticados às escuras pelos poderosos, seja por governos ou grandes empresas, publicando toda a verdade, sem cortes ou edições, e protegendo o sigilo das fontes, no que consideramos ser a prática da *parrhesia* político-filosófica.

Enfocamos suas maiores “bombas jornalísticas”, dos idos de 2010, conhecidas por *Collateral Murder* e caso *Cablegate*, que trouxeram a público graves crimes contra a humanidade praticados pelos soldados americanos na Guerra do Iraque e centenas de milhares de documentos diplomáticos contendo segredos cruéis dessa e de outras guerras, além de um manual da prisão de *Guantánamo* detalhando a tortura lá praticada contra os seus prisioneiros políticos.

As revelações supra citadas levaram à fúria do alto escalão do governo dos EUA contra o Wikileaks e contra Assange que, se antes já tinha pouca liberdade pela revelação dos segredos de vários outros governos e empresas, levando vida nômade para se resguardar da perseguição que já sofria; dali em diante, jamais teve qualquer liberdade ou dignidade humana, pois passou a sofrer perseguição e campanha de difamação internacional pelo governo dos EUA e seus aliados políticos.

Relatamos o decorrer dos processos contra Assange, a começar pela acusação falsa de supostamente ter cometido dois assédios sexuais e estupros na Suécia, país onde tinha sede o Wikileaks. Tratava-se de acusação falsa que acabou sendo arquivada por falta de provas, mas somente nove anos depois de ajuizada, de 2010 a 2019, destruindo sua imagem pública e relegando seu caso ao ostracismo, praticamente sem cobertura da mídia tradicional.

Posteriormente, o processo de extradição para os EUA continuou e levou Assange a buscar asilo político e passar a residir na Embaixada do Equador em Londres em 2012, onde estava protegido por tratar-se, a Embaixada, de território do Equador no Reino Unido, como preleciona o Direito Internacional Público. De lá, no entanto, não podia botar o pé para fora pelo risco de ser imediatamente preso e extraditado, tornando-se, seu refúgio, sua prisão.

Permaneceu na Embaixada do Equador até 2019, tendo sido gravado e filmado lá dentro provavelmente pela CIA, por meio da equipe da empresa que realizava a limpeza no prédio. E, ainda pior, teve seu asilo político e sua cidadania equatoriana cancelados pelo presidente Lenin Moreno e tendo sido permitida a entrada da polícia britânica no interior da

Embaixada para prender Assange. De lá foi levado à prisão de segurança máxima de Belmarsh, lá permanecendo em regime de solitária até o presente momento.

Discorreremos sobre o andamento do processo do Reino Unido para permitir ou não a extradição de Assange para os EUA, o qual, neste momento, 06.10.2023, está aguardando o julgamento de seu último recurso à justiça inglesa, cuja decisão será definitiva. Em havendo a extradição, Assange estará sujeito à uma pena de 175 anos de prisão, e provavelmente irá para a prisão de *Guantánamo* onde a tortura que já sofre há mais de década será agravada, supostamente sem possibilidade de acompanhamento pelos órgãos de direito internacionais, como a ONU, a Anistia Internacional e outros, bem como poderá ser impedido o acompanhamento das condições de sua prisão e de sua sanidade física e mental pelos órgãos de imprensa de todo o mundo, e, até, pode ser impedido seu tratamento médico como neurodivergente que é, tendo TEA – Transtorno do Espectro Autista -, estando em depressão e tendo saúde física delicada, para dizer o mínimo. E, ainda no segundo capítulo, detalhamos as mais importantes, a nosso ver, das inúmeras violações de direito ocorridas em todas as fases de tal processo.

E, no capítulo terceiro, costuramos os dois primeiros capítulos de forma a demonstrar que a prática da *parrhesia* de Julian Assange se subsume à teoria sobre a *parrhesia* apresentada no primeiro capítulo.

De início, demonstramos porque, a nosso ver, Assange é o maior arauto da *parrhesia* greco-romana na contemporaneidade. Isto se dá porque, para além de outros delatores, Assange deu a sua imagem, sua dignidade humana, sua liberdade, sua saúde e grande parte de sua vida ao personificar incontáveis outros delatores que mandaram material classificado ou secreto para o Wikileaks dos quais ele protegeu as identidades sob o direito-dever de dar sigilo às fontes, como órgão jornalístico que é.

Concluimos que, por isso, Assange se encaixa no conceito geral de *parrhesia* dado por Foucault eis que encarna centenas ou milhares de delatores e fala a verdade, toda a verdade, aos poderosos sobre questões importantes para a sociedade global, defendendo-as independentemente dos riscos que essa ação sócio-política possa lhe trazer - e trouxe, de fato, para Julian Assange, inúmeros riscos à sua liberdade, à sua saúde e à sua vida.

E, mais do que isso, consideramos que as ações de Assange e sua própria vida se encaixam no tipo mais alto de *parrhesia* que, conforme Foucault, é a *parrhesia* político-

filosófica, aquela que exige que o *parrhesiastes* não apenas pratique a *parrhesia*, mas viva uma vida *parrhesiasta*, a vida da verdade, a prática diária da filosofia.

Discorreremos acerca da filosofia de vida de Julian Assange e da filosofia do Wikileaks, do que desvelamos que seu sonho, desde sua adolescência, na última década do século XX, era o de distribuir softwares e materiais gratuitos para todos na internet, inaugurando o movimento pelo software livre, tendo sido autor e coautor de vários deles. Dentre os quais, se destaca o sistema de criptografia negável *Rubberhose*, criado para proteger ativistas dos direitos humanos ou, nas palavras do próprio Assange no site do *Rubberhose*:¹¹⁸ “Esperamos que o *Rubberhose* proteja seus dados e ofereça um tipo mais amplo de proteção para pessoas que correm riscos por causas justas [...]. Nosso lema é: ‘Vamos dar um pouco de trabalho.’”¹¹⁹

Assange publicou em seu blog a sua teoria para acabar com a injustiça no mundo que defendia os *leaks* (vazamentos) para enfraquecer governos e instituições injustas dizendo que eles estimulavam a paranoia nos seus líderes que muito tinham a esconder o que resultaria num declínio cognitivo em todo o sistema, reduzindo em muito a capacidade deles se manterem no poder sendo que “o vazamento em massa os deixa perfeitamente vulneráveis àqueles que procuram substituí-los com formas mais abertas de governança. Apenas a injustiça revelada pode ser enfrentada; para o homem fazer algo inteligente, ele tem de saber o que realmente está acontecendo”¹²⁰. Daí o foco no direito de sabermos, nós, o povo, do que os governantes fazem em nossos nomes sem a nossa anuência.

E vimos que a filosofia do Wikileaks funde a máxima *cypherpunk*¹²¹ *Privacidade para os fracos, transparência para os poderosos* com o princípio fundacional da filosofia *hacker* *A informação quer ser livre*¹²².

Na sequência, adentramos em tema sensível da atualidade com os avanços da tecnologia, o limite entre as esferas do público e do privado, especialmente no que tange ao direito de privacidade individual e o dever de publicidade estatal. O lema *cypherpunk* que foi usado como fundamento do Wikileaks por Julian Assange é o de dar privacidade máxima aos cidadãos e publicidade máxima aos governos, governantes e grandes empresas e

¹¹⁸Que não mais existe.

¹¹⁹LEIGH; HARDING, 2011, posições 980-1005, grifos nossos.

¹²⁰Idem, ibidem.

¹²¹*Cypherpunk*: indivíduo que defende o uso de criptografia forte e tecnologias de privacidade como via para mudanças sociais e políticas.

¹²²ASSANGE *et al*, 2016, p.11.

empresários, de forma similar ao princípio da equidade, assegurando mais direitos aos hipossuficientes e mais deveres aos demais, em especial aos detentores do poder.

Retomamos o princípio da equidade como conceituado por Aristóteles em sua *Ética Nicomaquéia*, em que a equidade proporcional é a posição intermediária entre quem recebe injustamente menos do que merece e quem recebe injustamente mais do que lhe cabe às custas dos outros. A justa medida da justiça situa-se no meio do caminho entre os opostos extremados (*Ética a Nicômaco*, 1129a-1132b, 1134a)¹²³.

Levantamos a questão das novas tecnologias trazerem ainda mais riscos à privacidade dos indivíduos perante o poderio estatal e corporativo. Salientamos “os perigos de um mundo onde os dados privados dos cidadãos são sistematicamente coletados e requisitados para vigilância governamental, colocando em grave risco as liberdades civis e políticas.”¹²⁴

Assange nos alerta sobre a militarização da internet dizendo que nossas conversas online ou telefônicas são interceptadas por organizações militares de inteligência. A internet que deveria ser um espaço civil nosso, onde nos comunicamos com nossa família e amigos, se transformou em um espaço militarizado. Segundo ele, é como ter um tanque de guerra dentro do quarto e/ou um soldado embaixo da cama.

No livro *Cypherpunks*, Assange e os três experts em tecnologia cuja conversa gerou o livro sugerem que a população seja esclarecida sobre o que as empresas e governos vigiam na internet e sobre estratégias de criptografia para salvaguardar os seus dados online. Para além disso, exigem que seja dada maior publicidade às atividades governamentais com completa transparência para as atividades estatais e para os atos dos governantes que, por serem eleitos para representar e realizar a vontade do povo, e não as suas vontades individuais, têm o dever de revelar todos os seus atos e dados, dando-lhes total publicidade e transparência, posto que abdicaram de sua privacidade ao se tornarem agentes públicos eleitos¹²⁵.

Atualmente, o Estado controla não apenas atividades criminosas ou terroristas, mas a tudo e todos a todo tempo. Como alerta Lagasnerie, *qualquer pessoa, em todo o mundo, está agora exposta ao olhar atento do poder: e-mails, telefonemas e trocas em redes sociais*

¹²³ WESTERN THEORIES OF JUSTICE, internet Encyclopedia of Philosophy. Disponível em: <https://iep.utm.edu/justwest/> . Acesso em 08 ago 2023.

¹²⁴ ASSANGE *et al*, 2016, p.3.

¹²⁵ Idem, *ibidem*.

*podem ser – ou têm sido há muito – arquivados, coletados e examinados por serviços de inteligência, agências policiais, e outros*¹²⁶.

O Estado vem, cada vez mais, ampliando o controle estatal e reduzindo o espaço privado dos cidadãos. As novíssimas tecnologias de vigilância da era da internet e da inteligência artificial visam à supremacia do Estado, na qual não haverá mais nada fora dele. Com isso, farão esvanecer no ar a noção de privacidade, que está prestes a se tornar obsoleta - se é que isto já não ocorreu e só nós, indivíduos, não o sabemos. Estaríamos vivendo uma ilusão de privacidade?¹²⁷

É nosso dever como cidadãos, vez que a lei não mais impede a intrusão do Estado nas vidas privadas dos indivíduos, utilizar os meios tecnológicos existentes para reconstituir uma esfera autônoma e inviolável de privacidade na qual o Estado não possa adentrar¹²⁸.

Dessa visão radical de que se deva dar total privacidade aos atos dos indivíduos e total publicidade/transparência aos atos dos governantes, concluímos diversamente no sentido de que é necessário buscar um equilíbrio no sentido de que os governantes tenham sim privacidade, ainda que mínima, eis que o direito à privacidade é um direito constitucional no Brasil¹²⁹ e direito internacional público¹³⁰ garantido a todos os humanos e, assim sendo, não podemos concordar com a sua supressão para os governantes eleitos e, nem mesmo, para todos os atos dos governos propriamente ditos, visto que é necessário manter uma esfera de sigilo no âmbito da defesa militar de cada Estado, e. g. dos códigos nucleares.

E, para além disso, concluímos que o direito à privacidade dos cidadãos também não pode ser ilimitado, eis que daria vazão ao cometimento dos mais diversos atos criminosos sem que desses se pudesse ter qualquer prova, impedindo a defesa das vítimas e de toda a sociedade. Necessário se faz que tenhamos o dever de dar publicidade, ainda que restrita aos órgãos públicos, por exemplo, dos nossos rendimentos para que se possa calcular e cobrar os tributos que devemos ao Estado - uma contribuição necessária à comunidade em que vivemos

¹²⁶ LAGASNERIE, 2017, p. 13.

¹²⁷ LAGASNERIE, 2017, p. 13.

¹²⁸ Idem, p. 14.

¹²⁹ Ver Art. 5º, incisos X, XII e XXXIII da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.

¹³⁰ Ver Art. 12 da Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU de 1948.

- e das vacinas que tomamos ou não de forma a proteger a saúde e a vida da sociedade como um todo pela imunização coletiva contra doenças infecciosas, bem como nossas atividades online precisam deixar - e deixam - um rastro que as ligue até cada um de nós para que se possa responsabilizar aqueles que cometem os mais diversos atos ilícitos e crimes no ambiente digital.

Na sequência, passamos a analisar o pensamento de filósofos contemporâneos que fundamentam ou se afiliam à ética de Julian Assange e do Wikileaks, quais sejam Giorgio Agamben, Slavoj Žižek e Noam Chomski.

Agamben discordou da política da “guerra contra o terror” do governo George W. Bush para as guerras do Afeganistão e do Iraque, logo após o atentado do 11 de setembro de 2001, que justificava abusos e excessos injustificáveis cometidos pelos EUA nesses países.

Segundo ele, estaríamos adentrando em uma nova era biopolítica, indo um passo além do já criticado por Foucault, numa animalização estabelecida pelas mais sofisticadas técnicas. Que a tatuagem biopolítica de “segurança em um momento excepcional” que passamos a ser obrigados a fornecer ao entrar em qualquer país se tornaria o “novo normal” predizendo o que passaria a ser a norma no recém iniciado século XXI, o excesso de vigilância estatal com a destruição da privacidade e da liberdade individuais.

Slavoj Žižek participou de um debate com Julian Assange em 2011 e nele disse que a importância do que Assange trouxera à tona era a de mostrar que, para além das omissões dos poderosos quanto às coisas sujas que fazem, do que todos sabemos mas fingimos não saber, foi revelar que, mesmo que não mintam diretamente, as implicações que fazem e as coisas que não dizem os governantes são uma mentira. Mais do que as mentiras que eles nos contam, está aquilo que implicam com elas. Ou seja, não importa apenas o que você diz, mas o que você quer dizer com o que mente e o que omite é o que revela a ideologia estatal.

Ele também nos diz que a imprensa burguesa atual tem seu próprio jeito de ser transgressora, onde a ideologia não apenas controla o que se diz, mas também como se pode violar aquilo que é permitido dizer. E diz que Assange não apenas violou as regras, mas mudou as próprias regras de como fomos autorizados a violar as regras.

Quanto à acusação de que Assange seria terrorista, Žižek diz que Assange é um terrorista tanto quanto Gandhi era um terrorista, pois ele tentou parar, interromper o funcionamento normal do Estado britânico na Índia. E que Assange estava também tentando interromper o normal, opressivo, funcionamento da circulação da informação. E questiona:

“Qual é o seu, entre aspas, “terrorismo” comparado ao terrorismo (estatal) que simplesmente aceitamos, que tem que continuar dia a dia para que apenas as coisas continuem como estão? É aí que a ideologia nos ajuda. Quando falamos de terrorismo violento, sempre pensamos em atos que interrompem o curso normal das coisas. Mas e a violência que tem que estar aqui para que as coisas continuem como estão? Então eu acho que o termo “terrorismo” é estritamente uma reação a um terrorismo muito mais forte que está aqui. Se você é um terrorista, meu Deus, quem são eles que o acusam de terrorismo?”¹³¹

Em seguida, ele aduz que a ideia de democracia não apenas como esse direito de votar totalmente isolado, mas como espaço público de debate e comunicação deve ser a nossa resposta a todos aqueles políticos populistas e anti-imigrantes.

Afirma Žižek que, não nos basta apenas dizer a verdade, mas que “a verdade deve ser contextualizada no sentido do que justifica, do que diz, do que nega.”¹³² E diz a Assange sobre o papel do Wikileaks, que ele não estava simplesmente dizendo a verdade, ele estava dizendo a verdade de uma forma muito precisa de confrontar linhas explícitas de justificação e racionalização, ou seja, o discurso público com seus pressupostos implícitos.

E finaliza dizendo, que mesmo que alguém ignore o Wikileaks, ele mudou todo o campo jornalístico. E mesmo a nível de publicação, você (Assange) empurrou coisas de uma maneira muito formal a um ponto de inegabilidade. Ninguém pode fingir que o Wikileaks não aconteceu. A questão é não permitirmos (que suas conquistas) seja(m) renormalizada(s), (mas) permanecemos fieis a elas¹³³.

Noam Chomski é apoiador contumaz de Assange e já se manifestou várias vezes a seu favor. De sua defesa acalorada de Assange, destacamos seus dizeres no sentido de que o crime de Julian Assange é violar os princípios não-escritos de qualquer governo ao levantar o véu de sigilo que protege o poder do escrutínio popular, pois é bem compreendido pelos poderosos que levantar o véu pode se tornar a força para evaporá-lo por completo e pode, até, levar à autêntica liberdade e democracia se um povo despertado vier a entender que a força está do lado dos governados e, se eles verdadeiramente entenderem que possuem tal força por seus números, se eles se unirem, poderão controlar seu próprio destino¹³⁴. E completamos dizendo que, se bem realizado, isto pode nos levar a restaurar a democracia direta ateniense, perdida

¹³¹Wikileaks' JULIAN ASSANGE & PHILOSOPHER SLAVOJ Žižek IN CONVERSATION WITH AMY GOODMAN. Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PL83C859A68424465C>. Acesso em 13 ago 2023.

¹³² Idem.

¹³³ Idem.

¹³⁴NOAM CHOMSKY ON SUPPORT OF JULIAN ASSANGE. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=gxLa6jtF01g&list=PLvjgztX_Uo3Yu7DldLb17_7CTSzhjfcL1&index=5. Acesso em 05 ago 2023.

há cerca de dois milênios, por meio das novas tecnologias, em pleno século XXI. E que, idealmente, esse governo do povo pelo povo, além de democrático, ocorrerá de forma cooperativa e comunitária, se alcançarmos juntos a *oikeiosis hairesike* – a apropriação afetiva por escolha racional dos bens, por meio da qual, o ser humano busca as ações apropriadas e os bens morais (as excelências)¹³⁵ -, tornando-nos sociáveis, comunitários e cidadãos do Cosmos, exercendo nele o nosso papel individual para o bem de todos¹³⁶.

Por fim, consideramos que a defesa das liberdades de expressão e de imprensa e do direito de saber o que os governantes fazem em nossos nomes sem a nossa anuência, bem como a defesa dos direitos daquele que lutou por tais direitos e mudou o modo de se fazer política no mundo contemporâneo é nosso dever de reciprocidade comunitária para com Julian Assange até que ele seja libertado e possa desfrutar minimamente de sua vida e colher os merecidos louros por seus atos parrhesiásticos.

¹³⁵ DINUCCI, Aldo, 2016, p. 80.

¹³⁶ Idem, p. 85-86.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *No to biopolitical tattooing*. Trad. Stuart J. Murray. In: *Communication and Critical/Cultural Studies*. Ed. Routledge, v. 5, n. 2, June 2008, pp. 201-202.
- ASSANGE DEFENSE ORGANIZATION. Disponível em: <https://www.assangedefense.org> . Acesso em 20 set. 2020.
- ASSANGE, Julian; MÜLLER-MAGUHN, Andy; ZIMMERMANN, Jérémie; APPELBAUM, Jacob. *Cypherpunks: Freedom and the Future of the internet*. Londres: QR Books, 2016.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- BRASIL. Decreto 56435 de 1965 que promulgou a Convenção de Viena das Relações Diplomáticas de 1961. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/Antigos/D56435.htm . Acesso em 01 out. 2023.
- DAEMON. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Daemon&oldid=64426594> . Acesso em: 26 set. 2023.
- DECEW, Judith, “Privacy”, *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Spring 2018 Edition), Edward N. Zalta (ed.). Disponível em <https://plato.stanford.edu/archives/spr2018/entries/privacy/> . Acesso em 19 jun. 2023.
- DINUCCI, Aldo. *As Diatribes de Epicteto: livro I*. Coimbra: Imprensa de Coimbra, 2019.
- DINUCCI, Aldo. et al. *Gratilla e sua amiga: mulheres estoicas romanas desafiando o Imperador Domiciano*. Publicado em: 11 set. 2019. Disponível em: <https://sociologica.com.br/gratilla-e-sua-amiga-mulheres-estoicas-romanas-desafiando-o-imperador-domiciano/> . Acesso em: 22 mai. 2021.
- DINUCCI, Aldo. Fragmentos menores de Caio Musônio Rufo. IN: *Transformação*, v. 35.3, fragmento 26 (Estobeu 3.6.22), p. 270, 2012. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732012000300015 . Acesso em 14 set. 2020.
- DINUCCI, Aldo. *Koinonia cósmica e antropológica em Epicteto*. In: CORNELI, G.; FIALHO, M. C.; LEÃO, D. (coords.). *Cosmópolis: mobilidades culturais às origens do pensamento antigo*. Coimbra: Imprensa de Coimbra; Annablume, 2016, p. 75-86.

DINUCCI, Aldo; JULIEN, Alfredo. *O Encheiridion de Epicteto*. Edição Bilingue. São Cristóvão: EdiUFS, 2012.

DINUCCI, Aldo. *Tradução: Epicteto, Diatribes 2.8, 2.9 e 2.10*. Rev. Carlos Enéas de Moraes, Joelson Nascimento e Vanessa Cordeiro. In: *Revista Perspectiva Filosófica*, v. 47, n. 1, p. 222-241, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/perspectivafilosofica/article/view/248346> . Acesso em 22 mai. 2021.

EUROPEAN CONVENTION ON HUMAN RIGHTS (ECHR) - CONVENÇÃO EUROPÉIA DE DIREITOS HUMANOS (CEDH). 1950. Artigo 8o. Disponível em: <https://echr.coe.int/Pages/home.aspx?p=basictexts&c=> . Acesso em 28 set. 2020.

FOUCAULT, Michel. *1ª Conferência: o significado da palavra parrhesia*. In: *Prometheus - Journal of Philosophy*, v. 6, n. 13, 26 Sep. 2013a, p. 03-12.

FOUCAULT, Michel. *2ª Conferência: parrhesia nas tragédias de eurípidés*. In: *Prometheus - Journal of Philosophy*, v. 6, n. 13, 26 Sep. 2013b, p. 13-47.

FOUCAULT, Michel. *3ª Conferência: parrhesia e a crise das instituições democráticas*. In: *Prometheus - Journal of Philosophy*, v. 6, n. 13, 26 Sep. 2013c, p. 49-56.

FOUCAULT, Michel. *4ª Conferência: a prática da parrhesia*. In: *Prometheus - Journal of Philosophy*, v. 6, n. 13, 26 Sep. 2013d, p. 57-90.

FOUCAULT, Michel. *5ª Conferência: técnicas de parrhesia*. In: *Prometheus - Journal of Philosophy*, v. 6, n. 13, 26 Sep. 2013e, p. 93-110.

FOUCAULT, Michel. *6ª Conferência: observações finais*. In: *Prometheus - Journal of Philosophy*, v. 6, n. 13, 26 Sep. 2013f, p. 111-114.

FOUCAULT, Michel. *A coragem da verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. Tradução Márcio Alves da Fonseca, Salma Tannus Muchail. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. *The Courage of the Truth (the Government of Self and Others II): Lectures at the Collège de France, 1983-1984*. New York: Palgrave-Macmillan, 2011.

FOUCAULT, Michel. *Verdade e subjectividade (Howison Lectures)*. In: *Revista de Comunicação e linguagem*, nº 19. Lisboa: Edições Cosmos, 1993, p. 203-223.

GREENWALD, G. *No Place to Hide: Edward Snowden, the NSA, and the U.S. Surveillance State*. Nova Iorque: Picador, 2015.

_____. *Sem lugar para se esconder: Edward Snowden, a NSA e a espionagem do governo americano*. Trad. Fernanda Abreu. Recurso eletrônico. Sextante: 2014.

INTERNATIONAL COVENANT ON CIVIL AND POLITICAL RIGHTS. Organização das Nações Unidas (ONU). Artigo 14. Disponível em: <https://www.ohchr.org/en/professionalinterest/pages/ccpr.aspx> . Acesso em 26 set. 2020.

JULIAN ASSANGE. In: *Wikipedia*. Disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Julian_Assange . Acesso em 25 set. 2020.

KAFKA, Franz. *O processo*. Tradução de Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2013.

LAÉRCIO, DIÓGENES. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres – Livro VII – Estoicos*, int. trad. e notas Lúcio Jacobsmuschel. Montecristo editora: 2020. Ed. Kindle.

LAGASNERIE, G. *The Art of Revolt: Snowden, Assange, Manning*. Stanford: Stanford University Press, 2017.

LAWYERS FOR ASSANGE. *Carta Aberta ao Primeiro Ministro do Reino Unido, Boris Johnson, ao Ministro do Interior, Priti Patel, ao Lord Chancellor e Ministro da Justiça, Robert Buckland QC*. Disponível em: <https://www.lawyersforassange.org/pt/open-letter.html> . Acesso em 26 set. 2020.

LEIGH, David; HARDING, Luke. *Wikileaks: a guerra de Julian Assange contra os Segredos de Estado*. Campinas (SP): Verus, 2011, Edição Kindle, posição 380.

LONG, George. *Discourses of Epictetus*. New York: D. Appleton & Company, 1904.

MELZER, Nils (with Oliver Kobold). *The trial of Julian Assange: a story of persecution*. New York; London: Verso books: 2022, Ebook.

NOAM CHOMSKY ON SUPPORT OF JULIAN ASSANGE. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=gxLa6jtF01g&list=PLvjgztX_Uo3Yu7DIdLb17_7CTSzhjfcL1&index=5 . Acesso em 05 ago 2023.

O QUINTO PODER (THE FIFTH ESTATE). Diretor Bill Condon. Estados Unidos: Dreamworks, 2013. Disponível em: https://youtu.be/iZtrX03P_0s . Acesso em 26 set. 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos> . Acesso em: 13 ago. 2023.

RUBBERHOSE (SOFTWARE). In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Rubberhose_\(software\)&oldid=55374760](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Rubberhose_(software)&oldid=55374760) . Acesso em: 13 jun. 2023.

UMA VERDADE INCONVENIENTE (AN INCONVENIENT TRUTH). Documentário: Al Gore, 2006. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20130731023115/http://vimeo.com/24857305> . Acesso em 30 set. 2020.

UNITED STATES DIPLOMATIC CABLES LEAK. In: *Wikipedia*. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/United_States_diplomatic_cables_leak . Acesso em: 30 set. 2020.

US: CIA REPORTEDLY PLOTTED TO KIDNAP AND ASSASSINATE JULIAN ASSANGE – International Federation of Journalists. Disponível em: <https://www.ifj.org/media-centre/news/detail/category/press-freedom/article/us-cia-reportedly-plotted-to-kidnap-and-assassinate-julian-assange> . Acesso em 26 set. 2023.

VIEIRA, Alexandre Pires. *Sêneca: Cartas de um estoico, um guia para a vida feliz*. Vol. II. São Paulo: Montecristo Editora, 2021.

WESTERN THEORIES OF JUSTICE, internet Encyclopedia of Philosophy. Disponível em: <https://iep.utm.edu/justwest/> . Acesso em 08 ago 2023.

Wikileaks. In: *Wikipedia*. Disponível em: <https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Wikileaks> . Acesso em 25 set. 2020.

Wikileaks' JULIAN ASSANGE & PHILOSOPHER SLAVOJ Žižek IN CONVERSATION WITH AMY GOODMAN. Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PL83C859A68424465C> . Acesso em 13 ago 2023.

WIKIREBELS. Documentário, Wikileaks. Disponível em: <https://youtu.be/W3p62tAq84M> . Acesso em 27 set. 2020